



Universidade de Brasília

**Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Licenciatura/Bacharelado em História**

“OS CARRASCOS VOLUNTÁRIOS”:

A renovação historiográfica do holocausto a partir do paradigma Goldhagen.

Jaqueline Rivas Paredes

Jaqueline Rivas Paredes

“OS CARRASCOS VOLUNTÁRIOS”

A renovação historiográfica do holocausto a partir do paradigma Goldhagen.

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

Orientador: Professor Doutor Wolfgang Döpcke.

Brasília - DF
UnB
Julho/2013

Alguém há muito tempo escreveu que também os livros, como os seres humanos, têm um destino, imprevisível, distinto do que para eles se desejava e que para eles se esperava.

Primo Lévi.

RESUMO

Daniel Jonah Goldhagen lançou em 1996 o livro “Os Carrascos Voluntários de Hitler”. Seu embasamento empírico visa explicitar as motivações de alemães “comuns” – aqueles não ideologizados pelo partido nazista – ao perpetrar atividades genocidas. Tais motivações acabam por revelar – de acordo com o autor – a presença de apenas um fator causal, o *antisemitismo eliminacionista alemão*. Esta monocausalidade, associada às detecções de falhas metodológicas, ao estridente apelo midiático para com o livro e a divergente recepção entre acadêmicos e leigos, propiciou o desencadear de um debate no campo da historiografia do holocausto. O debate se prolonga aos anos 2000, com a natureza de suas críticas dinamizadas, aprofundadas e com gradual distanciamento d’Os Carrascos em si e maior auto avaliação crítica do próprio campo historiográfico.

Palavras-chave: Goldhagen. Historiografia. Holocausto.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 05 |
| 1. Os caminhos da Historiografia: antes de Goldhagen | 06 |
| 1.1 <i>Intencionalistas e Funcionalistas/Estruturalistas</i> | 06 |
| 1.2 <i>O paradigma do modernismo</i> | 09 |
| 1.3 <i>Um caminho especial</i> | 10 |
| 1.4 <i>Relativização do holocausto nazista</i> | 12 |
| 2. Os carrascos Voluntários | 14 |
| 2.1 <i>O carrasco dos alemães: Goldhagen</i> | 14 |
| 2.2 <i>Batalhões Policiais: Alemães Comuns, Matadores Voluntários</i> | 14 |
| 2.3 <i>Vidas Indignas de serem vividas</i> | 16 |
| 2.4 <i>Mil caminhos levam à morte</i> | 17 |
| 3. Um livro como assunto público | 19 |
| 3.1 (1996) <i>Machloketle'shem Shamain</i> | 20 |
| 3.2 (1997) <i>Na cova dos leões</i> | 23 |
| 3.3 (1998/1999) <i>O fim da "Golden-age"?</i> | 29 |
| 3.4 (Os anos 2000) <i>Virada do século, virada historiográfica?</i> | 31 |
| CONCLUSÕES..... | 33 |
| 1 <i>Síntese</i> | 33 |
| 2. <i>Considerações finais: Dando nome aos “comuns”</i> | 36 |
| BIBLIOGRAFIA | 39 |
| 1. <i>Livros</i> | 39 |
| 2. <i>Artigos/Publicações</i> | 40 |
| 3. <i>Fontes Jornalísticas/Virtuais</i> | 43 |

INTRODUÇÃO

A historiografia do holocausto nazista¹ iniciou-se pouco tempo após o acontecimento revelado em si, despertando a curiosidade de acadêmicos e também do público mais vasto. Com uma bibliografia sobre o assunto quase incomensurável, um dos fatores para tamanho interesse é o caráter dito *desumano* dos assassinatos² – e dos assassinos. Este elemento invariavelmente recai em análise moral para com os perpetradores. Por que realizaram tais atos? Foram voluntários? Não perceberam a *barbárie* de suas atitudes, a *maldade* que as embasava? Em 1996 um debate caloroso – e de caráter público, não restrito à academia – tomou forma, devido à publicação do livro “Os Carrascos Voluntários de Hitler”, de Daniel Jonah Goldhagen. Um livro com uma tese polêmica – o dito *antisemitismo eliminacionista alemão* - e amplamente criticada.

Será aqui apresentado este debate e sua natureza, que despertou amores ao público e escárnio de grande parte do mundo intelectual. As críticas acadêmicas não se restringem ao ano de 1996, bem como não permanecem em eterna cacofonia, repetindo acusações. A natureza delas altera-se ao longo dos anos, mantendo o debate sobre o livro de Goldhagen presente ainda nos anos 2000. Tem-se em 1996 uma crítica contida, todavia, com forte notoriedade e aceitação pelos meios de comunicação de massa. O ano de 1997 apresenta-se com as críticas mais ácidas e impacientes por parte da academia, e a contínua aceitação do público leigo da tese de Goldhagen, que tem seu livro elevado a *best-seller*. Os anos seguintes expõem a alteração na abordagem sobre o livro, de renegado à integrante da historiografia do holocausto, mesmo que como exemplo a não ser seguido. A base crítica provém sobretudo de resenhas e artigos, mas também de livros. Acabam por retomar e reacender antigos debates e posicionamentos intelectuais ditos tradicionais, renovando-os.

Objetiva-se, desta maneira, não apenas reescrever uma discussão, mas sim guiar o leitor pelos caminhos de maturação dessa mesma historiografia.

¹ Perseguição e assassinato sistematizado sobretudo àqueles que professavam a religião judaica - conduzido pelo regime Nacional-Socialista de Hitler, foi responsável pela morte de milhões de seres humanos, dentre eles, aproximadamente seis milhões de judeus

² O número de vítimas judaicas ainda é baseado em estimativas. Para mais informações, ver BROWNING, Chr.; *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution*. Nova Iorque: Harper, 1998 e WELCH, Steven R. *A survey of interpretative paradigms in Holocaust Studies and a Comment on the Dimensions of the Holocaust*. Yale center for international and Area Studies Working. University of Melbourne, Nova Iorque, 2001. Pp. 1-12.

1. Os caminhos da Historiografia: antes de Goldhagen

Goldhagen, com sua tese, objetivou finalizar a discussão acerca da motivação dos alemães ao perpetrar assassinatos. Longe do esperado, acabou por propiciar críticas, especulações e novas pesquisas, fazendo com que a historiografia do holocausto se enriquecesse em fontes, objetos e questionamentos. Assim, é possível localizar algumas correntes dominantes acerca do assunto – motivações por características compartilhadas ou singulares à Alemanha - em um momento pré-Goldhagen, e localizá-las nos anos durante e após o paradigma d’Os Carrascos, revisadas, aprofundadas e renovadas.

1.1 Intencionalistas e Funcionalistas/Estruturalistas

Em meados da década de 1960 até finais da década de 1970, uma primeira leva de pesquisadores encontrou na busca pela compreensão da tomada de decisão do holocausto a explicação para este. Tal grupo fundamentou suas pesquisas sobretudo nos documentos coletados pelo Tribunal Militar de Nuremberg, publicado em quarenta e dois volumes.³

O ponto de consenso neste primeiro grupo está na compreensão de que Hitler, antissemita ardoroso, planejara - desde antes de sua ascensão ao poder pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) em 1933 – a morte dos judeus da Alemanha e da Europa. Saul Friedländer⁴ afirma que para esta corrente de pensamento, que tem como expoentes Yehuda Bauer, Eberhard Jäckel e Lucy Dawidowicz, há uma relação direta entre a ideologia racial antissemita, o planejamento e a política de tomada de decisões do Terceiro Reich.

O antissemitismo do *Führer* – onde a concepção de judeus seria a de um grupo racial, e não religioso - seria o *leitmotiv* de toda política eliminacionista do Terceiro Reich. Hitler apenas estaria à espera do momento mais propício para efetuar seu plano, que veio com a eclosão da Segunda Guerra Mundial⁵, pois seriam possibilitados os meios – tecnológicos, espaciais e coercitivos - para um assassinato em massa. Com passos planejados, o líder teria dado a ordem para a Solução Final na primavera ou verão de 1941. O holocausto, por fim, resumir-se-ia a um confronto

³ STONE, Dan. *The Holocaust and its Historiography*. Pp.373. Disponível em http://www.ereadinglib.com/bookreader.php/135878/the_historiography_of_holocaust.pdf Acesso em Abril-Junho de 2013.

⁴ FRIEDLÄNDER, Saul. *From Anti-semitism to Extermination: An Historiographical Study of Nazi Policies Toward the Jews and an Essay in Interpretation*. **Yad Vashem**, Jerusalém. Disponível em http://www.yadvashem.org/untoldstories/documents/studies/Saul_Friedlander.pdf Acesso em Junho de 2013.

⁵ Idem, p.37.

entre os alemães – que seguiriam a vontade de seu líder – e os judeus. Tal característica demarcatória acaba por tornar, nesta perspectiva, o holocausto como um evento único, sem antecedente e incapaz de pré/procedência na história da humanidade ⁶. Uma vertente que apela ao cúmulo da ideologia antissemita de Hitler, planejada minuciosamente e implementada de modo extremamente calculado.

Apenas a partir de 1980 esta corrente historiográfica recebeu uma nomenclatura, por encontrar um grupo antagonista às suas ideias. Em 1981, o historiador britânico Timothy Mason⁷ salientou o debate historiográfico que se formava, e enquadrou seus participantes em duas vertentes. Os primeiros, da década de 1960/70, foram chamados de “intencionalistas” – por focar na constante e persistente *intenção* de Hitler – desde ao menos 1920 - em assassinar os judeus⁸ -, e seus opositores foram denominados “estruturalistas” ou “funcionalistas”. Estes questionam a maior assertiva dos intencionalistas, ou seja, que o holocausto foi premeditado. Se sempre houve a intenção e o planejamento para Solução Final, por que a necessidade de ser implementada tão gradualmente, como o processo de exclusão social entre 1933 e 1938, no pré-Guerra?

Para este grupo – incluindo historiadores como Hans Mommsen e Martin Broszat – não houve e nunca teria tido um plano para o assassinato em massa de judeus, ou, se houve, foi no curso dos eventos, de modo quase improvisado, sem objetivos predeterminados. Não haveria, também, uma necessária relação entre a ideologia antissemita e as iniciativas políticas do regime nazista⁹. O que houve foi uma “radicalização cumulativa”, contingenciada pelos caminhos da guerra, onde as maiores decisões foram tomadas por pressões diversas, de outros setores da maquinaria do partido. O caminho para Auschwitz foi “tortuoso”, marcado pela improvisação, como afirma Welch, “*There was no straight path from Hitler’s anti-Semitic intentions to Auschwitz but rather a ‘twisted road’ characterized by haphazard development, improvisation and ad hoc decisions by various groups within a chaotic polycratic system of rule*¹⁰.”

Hitler, segundo esta vertente, não seria um líder forte, concentrando em si as tomadas de decisão. Estas seriam tomadas pela interação de iniciativas locais, em agências semiautônomas,

⁶ WELCH, p.03.

⁷ WILKINSON, Molly. *Ordinary Man and the Final Solution: The Work of Christopher Browning*. **The Wittenberg History Journal**. Wittenberg, vol.24, 1995, p. 18.

⁸ Assim, o Holocausto seguiria um caminho linear, planejado, de 1920 à Solução Final.

⁹ FRIEDLÄNDER, p.17.

¹⁰ WELCH, p.05.

que colocariam em embate as necessidades e interesses próprios, e a tentativa de alinhá-los à vontade do líder. A natureza desorganizada e policrática do regime nazista seria a responsável pelas decisões que encaminharam ao holocausto.

A ideologia antissemita, na primeira corrente, apresenta-se como elemento central. Aos estruturalistas, não se nega a presença do antissemitismo; todavia, seu peso é relativizado. Sua presença na tomada de decisões é no máximo indireta, com função de um símbolo mobilizador, e não o motor da ação. De modo conciso e panorâmico, a divergência entre as correntes argumentativas encontra-se no foco no indivíduo (intencionalistas) e nas estruturas (funcionalistas), na ideologia (intencionalistas) e na improvisação condicional (funcionalistas). Stone assim descreve o antagonismo:

This was a classic historiographical clash between those who see the world as driven by agency, and who therefore stress the role of individuals, and those who see social forces and structures as more important, since these direct and limit individual choice.¹¹

Dois argumentos, dois casos-limite. Contudo, o início dos anos 1990 trouxe um argumento conciliatório a partir da análise dos recentes arquivos disponíveis pelos países comunistas da Europa. Um grupo de pensadores do holocausto denominados como “funcionalistas moderados” ou “intencionalistas condicionais” emerge com as publicações de Christopher Browning e Philippe Burrin. Estes tinham claro o que as assertivas anteriores debatiam. Para Browning, os dois grupos representariam um paradigma historiográfico, “*between those who explain history through the ideas and decisions of individuals and those who explain history through the impersonalized and underlying structures of society.*¹²”

Esta nova argumentação objetivou demonstrar empiricamente que Hitler não planejou desde momentos anteriores à Guerra a aniquilação do povo judeu, discordando dos intencionalistas. Todavia, a ideologia antissemita estaria fortemente presente no corpo social alemão, sendo necessárias *condições* para que se operassem as matanças. A ideologia estaria aliada, por fim, às estruturas e condições. Para parte deste grupo, sobretudo para aqueles que compartilham as ideias de Browning, a tomada de decisão pela Solução Final viria da euforia de vitórias sucessivas na guerra, e teria sido articulada tendo como núcleo as decisões de Hitler a partir de 1941. A radicalização cumulativa na política estaria em processo desde 1939. Nas palavras de Browning:

¹¹ STONE, p. 04.

*German Jewish policy was not the result of a conspirational plot hatched in Hitler's mind following Germany's defeat in World War I and then carried out with single-minded purpose [through]... a monolithic dictatorship. It evolved from a conjuncture of several factors of which Hitler's anti-Semitism was only one.*¹³

Há, então, a polarização entre ortodoxos e o grupo moderado, quando se trabalha a questão da tomada de decisões pelo holocausto de judeus. O último grupo é o que agregou maior aceitação na academia. De modo límpido, Saul Friedländer¹⁴ oferece uma excelente explicação para a corrente dos moderados:

*The crimes committed by the Nazi regime were neither a mere outcome of some haphazard, involuntary, imperceptible, and chaotic onrush of unrelated events nor a predetermined enactment of a demonic script; they were the result of converging factors, of the interaction **between intentions and contingencies, between discernible causes and chance**. General ideological objectives and tactical policy decisions enhanced one another and always remained open to more radical moves as circumstances changed.*
(Grifos meus)

1.2 O paradigma do modernismo.

A denominada “Patologia da Modernidade” se ramifica internamente, mas de modo geral focaliza-se nas reações de um mundo moderno - em tecnologias e burocratizações - frente ao conservadorismo das ideias políticas e estruturas sociais¹⁵.

Para a vertente “conservadora” dos que trabalham com a Patologia da Modernidade, Zygmunt Bauman aparece como direcionador. O argumento deste subgrupo é que a modernidade traria em si um potencial para o totalitarismo, que seria o frio, burocrático, impessoal. Este modelo – que para os autores foi o modelo nazista – propiciaria meios para a execução do holocausto. Desta maneira, todo e qualquer país dentro dos padrões de modernidade e de desenvolvimento tecnológico seriam potenciais genocidas. O holocausto não seria um regresso ao barbarismo; seria a maior expressão do mundo moderno.

Nesta linha de pensamento, que salienta sobretudo a obediência à burocracia, pode-se destacar a famosa tese de Hanna Arendt sobre a banalidade do mal¹⁶. Esta autora trabalha com o julgamento de Eichmann, tenente coronel da SS, em Jerusalém no ano de 1961. Este, acusado da

¹² WILKINSON, p. 23.

¹³ BROWNING apud WILKINSON, Molly. *Ordinary Man and The Final Solution: The Work of Christopher Browning*. **The Wittenberg History Journal**. Wittenberg, vol.24, 1995, p.01.

¹⁴ FRIEDLÄNDER apud WELCH, p.09.

¹⁵ STACKELBERG, R. *A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 21.

morte de milhares de judeus, afirma ser apenas cumpridor de ordens, as quais, obedecidas de modo irreflexivo e sem juízo crítico, propiciaram sua ascensão profissional. Não retira a culpa de Eichmann – ou qualquer perpetrador – mas destaca um diferenciado grau de responsabilidade entre a os líderes do movimento nazista e a “massa burocrática”.

Jeffrey Herf¹⁷ cunhou um termo para sua argumentação. O “Modernismo Reacionário” seria a reconciliação entre a irracionalidade política devido à tecnocracia e burocratização, e a modernidade tecnológica. A Alemanha do XIX e XX seria marcada pelo direcionamento da política pela aristocracia prussiana, conservadora em si, nostálgica de um passado sem luta de classes, agora em um mundo de liberalismo, capitalismo, industrialização e ameaça socialista. Segundo Herf, o conservadorismo prussiano, embasando-se em ideologias de cultura, alma, e povo (*Volk*), podou a ascensão da burguesia, forjou a harmonia nacional, impediu a democracia e encaminhou ao governo totalitário. O regime nazista seria uma combinação de elementos modernos – a tecnologia, a burocracia – e não modernos – o pensamento conservador, a ideologia: “*For these people, part of the appeal of National Socialism was not a total rejection of modernity but a promise to embrace it selectively in accordance with specific national traditions.*”¹⁸

Götz Aly e Susanne Heim ainda tem como núcleo a modernidade alemã à época, mas, para eles, o holocausto seria fruto de um processo racional do capitalismo expansionista, tendo em vista a conquista e expansão de territórios pelo movimento imperialista¹⁹.

Em todas as assertivas localizadas na Patologia da Modernidade, o que se percebe é um deslocamento da culpabilização pelo holocausto – Ideologia ou Estruturas? Indivíduos ou Instituições? – para algo que seria apto de ocorrer a *qualquer* nação moderna. A exceção seria Herf, por localizar no conservadorismo prussiano uma variável essencial.

1.3 Um caminho especial

A tese do *Sonderweg* – “Caminho especial”, em alemão - engloba a discussão acerca dos caminhos e descaminhos da política alemã, tido como uma obliquidade em relação aos demais

¹⁶ ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras; 1999.

¹⁷ HERF, Jeffrey. *Reactionary Modernism: Some Ideological Origins of the Primacy of Politics in the Third Reich*. **Theory and Society**, vol. 10, nº. 6, 1988, p. 805-832.

¹⁸ Idem, p 813

¹⁹ ALY, Götz e HEIM, Susanne. *The Economics of the Final Solutions: A case Study from the General Government*. **Simon Wiesenthal Center Annual** 5, Califórnia, 1988. Disponível em <http://motlc.wiesenthal.com/site/pp.asp?c=gvKVLcMVluG&b=395113>. Acesso em Maio/Junho de 2013.

países da Europa Ocidental. Em um primeiro momento, a ideia de um caminho especial teve um floreio positivo. Os caminhos da Alemanha, até o XIX, contrastada com estados como França e Inglaterra, seria uma nação de caráter não-parlamentar. Entretanto, esta natureza seria favorável ao ponto que desenvolveria um forte poder estatista, autoritário e organizador, com um forte serviço civil, bem ordenado e seguidor de ordens. Desta maneira, as ordens viriam “de cima”, com mínimas rupturas no sistema. Produziria, enfim, uma sociedade harmônica. Contudo, a Primeira Guerra Mundial e seu desenrolar – tanto para a sociedade quanto para a política – atribuíram outro sabor ao caminho especial alemão.

Desde então, historiadores autodenominados liberais-democráticos, como Gerhard A. Ritter e Hans-Ulrich Wehler, ressaltam a singularidade alemã negativamente. Com objetivo de encontrar em estruturas e processos alemães alguma explicação plausível para este país ter desenvolvido e sustentado, na década de 1930 e 1940, um governo fascista, utilizam da comparação com trajetórias que promulgam ser o caminho “adequado”. Este perpassaria pela adoção da ideologia do iluminismo, das ideias da Revolução Francesa, da busca pela democracia. Logo, uma boa moral nacional – e de seus cidadãos - se percebe atrelada a seus caminhos políticos. O melhor deles, não tão implicitamente, a democracia.

Por meio da trajetória da Alemanha, objetiva-se expor não necessariamente a ascensão do Nacional-Socialismo, mas o caráter antidemocrático desta sociedade, como discorre Kocka.²⁰ Assim, a trajetória alemã não justifica plenamente a ascensão nazista, mas a nascitura República de Weimar. As características mais ressaltadas são a tardia unificação da Alemanha como um Estado-Nação²¹, moldada a partir de um nacionalismo agressivo – o qual perdurou no século XX -, a natureza não liberal da política e a fraqueza do projeto de parlamentarização no século XIX, ressonante na República pós Guerra.

O Estado-Nação alemão teria emergido em um momento de rápido avanço e desenvolvimento da tecnologia, do capitalismo e da indústria internos. Enquanto se vivenciava a abertura da economia e sua maturação, a esfera política via-se ainda enraizada no forte poder autoritário de instituições tradicionais, não liberais e oligárquicas, embasada em valores pré-industriais e com forte presença de estrutura do antigo regime. Assim, o que se percebia era forte opressão interna e

²⁰ KOCKA, Jürgen. *German History before Hitler: The Debate about the German Sonderweg*. **Journal of Contemporary History**, Cambridge University Press, Cambridge, vol. 23, nº. 1, 1988, p.04.

²¹ A Alemanha foi unificada em 1871.

selvagem expansão da política externa. Estes fatores teriam encaminhado ao desencadear da Primeira Guerra Mundial. A derrota nesta deu motivos para os desgostosos iniciarem uma revolução popular em 1918/1919²². Uma revolução que desembocou na República de Weimar, que, desde nascença, foi fadada ao fracasso pela ausência de uma cultura política democrática, parlamentar e liberal. Uma fraqueza que custaria uma segunda guerra mundial.

Outras pesquisas que não da História, como a do sociólogo Norbert Elias²³, também são adeptos do *Sonderweg*. Independentemente da área de ocupação acadêmica, o *Sonderweg* pontua a impossibilidade de outras nações *modernas*, aquelas que desenvolveram o liberalismo democrático, serem potenciais em perpetrar o holocausto. Demonstram os caminhos quase que pré-determinados da Alemanha ao regime nazista e, conseqüentemente, ao genocídio.

1.4 Relativização do holocausto nazista

Enquanto o *Sonderweg* salienta a necessária relação entre a história da Alemanha e o genocídio de judeus, há certos especialistas, como Mark Levene, que relativizam a experiência do holocausto nazista. Estes acabam por comparar o assassinato em massa deste momento com outros genocídios, tais como de indígenas nas Américas, como os Tutsis contra Hutus na África, entre outros. Desta maneira, o holocausto seria um dentre outros genocídios, e não uma excepcionalidade histórica.

Do mesmo modo, autores como Wistrich demonstram a participação de outras nações, com trajetórias históricas não questionadas, que participaram ativamente e cruelmente como perpetradores do holocausto da Segunda Guerra²⁴. Com um enfoque cronológico que engloba o período da década de 1930 a aproximadamente 1945, o autor delinea o colaboracionismo europeu à época.

Seja em comparações de uma mesma época – a Segunda Guerra - ou em momentos diferenciados da história humanidade, o peso das ideologias alemãs nazistas é minimizado, principalmente o antissemitismo. Salienta-se a pluralidade de variáveis para mobilizações e motivações genocidas – como questões políticas, morais, territoriais, religiosas. Assim, holocaustos poderiam

²² REIS, Daniel Aarão. *A Revolução Alemã: Mitos e Versões*. São Paulo: Braziliense, 1984, ARAÚJO, George. *Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923* **História Social**, nº. 17, 2009 e RÜRUP, Reinhard. *Problems of the German Revolution 1918-19*. **Journal of Contemporary History**, Cambridge University Press, Cambridge, vol. 3, nº4, 1968, p. 109-135.

²³ ELIAS, N. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

²⁴ WISTRICH, R.S. *Hitler e o Holocausto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 209-252.

– podem e acontecem – em diversas nações, independentemente do “desenvolvimento civilizacional” ou do grau de modernização.

Os estudos sobre o holocausto apresentam, por fim, linhas de raciocínio que variam entre extremos: da decisão premeditada à improvisação, de um líder forte a um fraco, de uma continuidade histórica à ruptura, de um acontecimento singular a mais um tipo de assassinato em massa. Também os fatores motivacionais são plurais: obediência, burocracia, ideologia. Logo, uma “resposta” de porque o holocausto ocorreu, porque na Alemanha, porque com Hitler, quais as motivações, se encontra no mundo das hipóteses – umas mais convincentes que outras – que buscam inferências nos acontecimentos. A questão da moral – foi certo? – é constantemente retratada ou abordada, mesmo sendo este um caminho não-histórico de trabalhar os acontecimentos. O historiador – e demais cientistas sociais – acaba por perder-se entre analisar, julgar, condenar ou abster perpetradores, vítimas e observadores do holocausto.

O livro de Daniel Jonah Goldhagen, *Os Carrascos Voluntários de Hitler: O povo alemão e o Holocausto*²⁵ cai nesta linha de cientista-advogado. Mais que isso, une em seu livro teorias de *Sonderweg*, *Intencionalismo* e singularidade da natureza do holocausto. O impacto no mundo intelectual – fervoroso nas críticas ao autor – fez com que os debates historiográficos expostos acima fossem revividos, criticados, repaginados. Um retorno não contemplativo às raízes fez-se presente na historiografia. Impulsionou a autocrítica, e, conseqüentemente, um enriquecimento do campo.

²⁵ GOLDHAGEN, Daniel Jonah; *Os Carrascos Voluntários de Hitler: O povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

2. Os carrascos Voluntários.

2.1 O carrasco dos alemães: Goldhagen

Daniel Jonah Goldhagen é um cientista político, nascido em 1959, filho de sobrevivente do holocausto. Trata, em *Hitler's Willing Executioners*²⁶, sobre o voluntarismo alemão frente ao genocídio de judeus, tanto em momento anterior à matança sistematizada em câmaras de gás – Batalhão Policial Reserva 101- bem como após – as “Marchas da morte” – que serão retratados à posteriori.

Sua tese defende o *antisemitismo eliminacionista*. Consiste na assertiva que os alemães possuíam o antisemitismo como algo interiorizado em si desde tempos primordiais de sua existência, seja em âmbito social e/ou individual, algo como um *sonderweg* não-político. Desta maneira, a política antisemita e violenta de Hitler ao longo do Terceiro Reich teria ido de encontro às pretensões eliminacionistas do povo alemão. Sendo assim, a matança singular perante a comunidade judaica não foi apenas aprovada, mas desejada e compartilhada.

A argumentação empírica do autor se embasa a partir da análise de três diferentes situações: Os Batalhões Policiais, os Campos de Trabalho e as Marchas da Morte.²⁷ A partir da análise das situações, Goldhagen afirma que os alemães não seriam movidos por burocratização, coerções físicas ou maleáveis ao carisma de seu chefe de Estado, justificativas amplamente discutidas na historiografia, sobretudo nas correntes de estruturalistas, intencionalistas, moderada e o paradigma da modernidade. Bastava serem alemães, partilhando do axioma cultural de antisemitismo eliminacionista. Em um ambiente de guerra, este anseio pôde ser concretizado.

2.2 Batalhões Policiais: Alemães Comuns, Matadores Voluntários.

Para Goldhagen, o melhor exemplo para sancionar sua defesa são as atitudes dos batalhões policiais. Em *Batalhões Policiais: Alemães Comuns, matadores voluntários*, descreve as atitudes do pessoal alemão destas instituições, adotando-as como um microcosmo da sociedade alemã. Isto porque os homens dos batalhões eram alemães “comuns”, não autômatos, não nazificados. Já possuíam uma idade avançada, uma média de 30 anos – ou seja, não foram educados ao modo hitle-

²⁶ Traduzido pela Cia. das Letras como “Os carrascos Voluntários de Hitler”.

²⁷ GOLDHAGEN, p.195-378.

rista - e não se alistaram voluntariamente para o exército. Eram predominantemente de classe média baixa, de profissões plurais, como donos de pequenas lojas. Neste quadro, não haveriam de ter a orientação ideológica desejada pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), nem treinamento físico suficiente para cometer os atos genocidas. Mesmo assim, foram voluntários para se tornarem carrascos de judeus.

Os batalhões policiais compunham a área de retaguarda móvel da Tropa de Proteção nazista - SS (*Schutzstaffel*)-, e possuem dois maiores momentos: antes da Guerra, até 1938/1939 e durante a Guerra, até 1943. O Segundo período é marcado pelo despreparo, pelo recrutamento às pressas, pela atuação das “pessoas normais”. Mesmo com atividades iniciais de manter a ordem em regiões ocupadas pelos nazistas, guardar residências ou acampamento junto com as Divisões de Assalto (*SA-Sturmabteilung*) e o Serviço de Inteligência (*SD-Sicherheitsdienst*), não hesitaram em matar judeus de maneira hedionda, por fuzilamento, em 1941. Viram os futuros cadáveres cara a cara antes de os assassinar a sangue frio, fossem estes homens, mulheres, crianças ou idosos.

Entre os batalhões abordados, encontram-se o 309, o 65 e o 101, este último mais amplamente analisado. A conclusão é que as ordens não eram sempre explícitas. Havia muita camuflagem linguística e eram dadas principalmente via oral, restando poucas fontes para análise. Porém, a mensagem era transmitida com êxito. O fim dos judeus e outros “inimigos”, como poloneses, guerrilheiros, bolcheviques, era claro. Devia-se matá-los. O meio para tal fim, porém, não era encaminhado. Havia grande autonomia a cada indivíduo para escolher o método de matar. A vontade assassina, de acordo com Goldhagen, era direcionada exclusivamente aos judeus; aos demais, se relutava praticar a ação. O voluntarismo era direcionado então a este grupo em específico, e a oportunidade de se ausentar do ato era dada. Contudo, recusada.

O comandante do Batalhão de Polícia 101, com aproximadamente quinhentos homens, era o Major Trapp, que não obrigava seus homens a matar. Porém, aqueles que refutavam, segundo o autor, seriam por questões viscerais, de enjoo e fraqueza psicológica, mas não pela falta da vontade assassina:

Como conclusão de seu discurso, o major perguntou aos membros mais velhos do batalhão se havia entre eles alguém que não se sentisse preparado para a tarefa. De imediato, ninguém teve a coragem de avançar à frente. Então fui o primeiro a dar um passo adiante e declarei que estava entre aqueles que não tinham aptidão para a tarefa²⁸.

²⁸ GOLDHAGEN, p. 229.

O voluntarismo foi reafirmado ainda pela busca ativa a judeus que se escondiam em florestas, bem como na atestada desobediência de alemães frente a outras ordens. Para Goldhagen, os alemães não apenas possuíam um caminho especial; eles eram especiais, assassinos cruéis antissemitas.

2.3 Vidas indignas de serem vividas

A premissa da voluntariedade alemã para perpetrar o assassinato *de judeus* é reafirmada²⁹ na análise dos campos de trabalho e das denominadas “marchas da morte”. Objetiva demonstrar que os alemães não se contentavam com o fim em si, com a morte friamente executada. Esta deveria infligir dor, uma dor que encaminhava ao regozijo do perpetrador. Do mesmo modo, colocavam-na acima de outras benesses que a exploração do povo judaico poderia propiciar, tal como o lucro econômico e a própria mão-de-obra, necessária em momentos de guerra, como demonstrado a partir da análise empírica de campos de trabalho – como Majdanek, Lipowa e *Flughafenlager*.

Goldhagen afirma que a mão-de-obra judaica foi explorada de modo economicamente irracional. Isto porque o grupo judeu era superexplorado, trabalhava em ambientes com péssima qualidade de vida, situações anti-higiênicas, com pouca alimentação e com materiais decrépitos - o que fazia com que redobrassem a energia dedicada ao trabalho. A atuação perante os judeus era marcada pela crueldade: “Para os judeus, o trabalho foi uma via para que chegassem à morte”³⁰, afirma. O mesmo não ocorria, segundo o autor, para com outros detentos. Mas porque colocar os judeus para trabalhar em situações tão debilitadoras, onde o lucro dificilmente teria lugar, e a mão-de-obra se esgotaria em qualidade e quantidade?

Os alemães não estariam preocupados com a racionalidade do trabalho, em maximizar os lucros. Estariam imersos em um sistema cognitivo, em uma concepção subjetiva onde os judeus seriam seres socialmente mortos, que deveriam sofrer e serem punidos pelo tamanho mal que supostamente causavam e teriam causado aos alemães. Socialmente mortos, improdutivos, eram então parasitas sociais, e os únicos trabalhos que poderiam exercer seriam em instituições específicas, controladas e protegidas contra a suposta malevolência deste povo. Logo, a cognição antisemita eliminacionista alemã reduziu a margem de lucros, a crueldade e a *vontade* de matar judeus suprimiu o caráter mercadológico da exploração desta mão-de-obra. Isto porque “O modelo gera-

²⁹ GOLDHAGEN, p.303-378.

³⁰ Idem, p.341.

dor da utilização geral dado aos trabalhadores judeus, inteligível para os *alemães*, foi, portanto, estruturado dentro dos princípios férreos do extermínio e depauperamento (...).³¹ (Grifos do autor).

O caráter atroz frente aos judeus não se restringiu às instituições. Portanto, não foi fruto de pressão social, burocracia, obediência à ordem ou alguma outra variável que não o próprio antissemitismo endêmico. Mesmo quando ordenados a não matar, isto foi feito. É o que se percebe nas marchas da morte.

2.4 Mil caminhos levam à morte

Judeus e outros prisioneiros foram obrigados a marchar entre diferentes localidades, sobretudo em áreas rurais, sem destino certo ou objetivos claros, desde a eclosão da guerra em 1939. Apesar de as marchas poderem ser diferenciadas entre si pelas políticas e ritmos que implementaram, todas possuíam uma característica convergente: o caráter letal para os judeus³².

As marchas da morte são periodizadas por Goldhagen em três momentos. De 1939 a 1941, onde não há exteriorizada uma política formal de extermínio; de 1941 a 1944, os anos de assassinato em massa; e o último corresponde ao debacle alemão, onde as perspectivas de vitória se dissipavam, e o trato bárbaro para com os judeus não trazia algum sentido à luta. Ao longo da ruína alemã, em 1945, não havia claro como e para onde encaminhar judeus e outros prisioneiros, ou ao menos o que fazer com eles. Assim, as marchas, ininterruptas, encaminhavam os seres já quase não vivos de um canto a outro, sem objetivos, sem provisões, sem senso de humanidade. Goldhagen estima que entre 250 e 375 mil prisioneiros, de um total de 750 mil, pereceram nestas últimas marchas³³. Os motivos eram variáveis, indo desde inanição, hipotermia ao assassinato brutal e sem significado aparente.

O exemplo analítico proposto pelo autor é das prisioneiras judias dos campos satélites de Gross-Rosen em marcha para o Oeste, para o campo de Helmbrechts, satélite de Flossenbürg. Entre as incessantes marchas, feitas no inverno, as detentas saíram dos campos satélites de Gross-Rosen e permaneceram aproximadamente cinco semanas em Helmbrechts, a quinhentos quilômetros de distância. De acordo com Goldhagen, o tratamento desumano e deplorável destinado às judias não foi o mesmo destinado às demais. Durante a marcha, relatos do sofrimento e privação

³¹ GOLDHAGEN, p. 345.

³² Idem, p.350.

³³ Idem, p. 351.

destas prisioneiras se fazem explícitos: “Entre nós, quase nenhuma tinha calçados decentes; um grande número teve que caminhar descalço com os pés envoltos em trapos. Durante o período da marcha, o terreno esteve quase inteiramente recoberto pela neve.³⁴”

Em Helmbrechts, o que mais chamou a atenção foi as vinte e sete guardas, jovens alemãs que apenas adentraram na SS em 1944. Não eram, portanto, “nazistas típicas”. Mesmo assim, foram extremamente brutais frente às *judias*. O autor afirma que nenhuma não-judia pereceu. Uma prisioneira alemã retrata a diferença no tratamento:

[As judias] eram apinhadas em alojamentos muito pequenos; tinham que dormir em pisos gelados. Os meses de inverno eram enfrentados por elas apenas com blusas. Ficávamos [as demais prisioneiras] situadas nas proximidades de seus alojamentos e não conseguíamos dormir com suas lamúrias, choros e gritos. Era uma tortura terrível (...). A comida para as judias era ainda pior; nada, exceto nabos uma vez por dia. Se essas pobres mulheres guardassem algum objeto pessoal, uma lembrança, fotos etc., recebiam surras, *das mulheres da SS* e eram obrigadas a ficar dias descalças sobre cascalho padecendo de um frio medonho. Suas pernas ficavam inchadas como barris de manteiga, aquelas em piores situações desmaiavam de dor. (Grifos meus).³⁵

Em 13 de abril de 1945, as prisioneiras foram encaminhadas à última marcha. Apenas um mês antes do final da guerra, a esperança de sobrevivência minguava a cada passo. Mesmo com a guerra praticamente perdida, com o mundo que vigorou por doze anos se desmoronando, com suas normas políticas e culturais condenadas pelo mundo ocidental, os alemães não mudaram o trato para com os judeus. As judias – cerca de 580- tiveram seu sofrimento estendido e maximizado a cada metro. Mesmo doentes, comidas e alimentos lhes eram negados. Enquanto perpassavam por cidades, alguns moradores tentavam alimentá-las, mas eram barrados pelas oficiais: “Algumas mulheres de Sangenberg tentaram entregar às prisioneiras certa quantidade de pão. De imediato, uma mulher da guarda da SS as impediu.³⁶” Estima-se que em 22 dias de marcha, 129 morreram de inanição, enquanto 49 de agressões e fuzilamentos. Himmler havia comunicado, no segundo dia de marcha, que era estritamente proibido a matança de qualquer judeu.

³⁴ GOLDHAGEN, p. 356.

³⁵ Idem, p.366.

³⁶ Idem, p. 371.

3. Um livro como assunto público

O livro de Daniel J. Goldhagen foi lançado em março de 1996 nos Estados Unidos da América. Baseado na tese de doutorado de um cientista político, pouco teria espaço na biblioteca particular de um cidadão “comum”. Surpreendentemente, *Os Carrascos Voluntários de Hitler* teve ampla repercussão na ampla mídia. Na edição de 17 de março de 1996, o *New York Times* ofereceu uma página inteira de seu jornal de domingo para a sua divulgação, em uma breve resenha escrita pelo próprio autor. Em letras garrafais, entre o texto, a frase “*Not only SS troop killed Jews. Ordinary Germans did so Eagerly.*”³⁷”

A semana após a publicação no *New York Times*, inúmeras cartas foram enviadas ao editor por aqueles que já haviam lido o livro completo, e não apenas sua chamada. Entre estes – a maioria destes –, especialistas em história hebraica, do holocausto, cientistas sociais, historiadores. Uma das cartas foi enviada pelo historiador Yehuda Bauer, que acaba por pincelar e criticar a teoria da relativização do genocídio e expor uma contradição do autor:

*(...)Mr. Goldhagen compares the act of murder by the Germans to the slaughter perpetrated by Turks against Armenians, by Hutus against Tutsis, by the Khmer Rouge against Cambodians and by Serbs against Bosnian Muslims. According to Mr. Goldhagen, these societies were willing executioners like the Germans. Mr. Goldhagen, having done research over many years and having written a book to show that the Germans were unique in supporting what he has called "eliminationist anti-Semitism," would now seem to contradict what he once wrote: in his Op-Ed article, the murderers were ordinary men, just like Hutus, Serbs, Turks or Khmer. Is this what he believes?*³⁸

Com uma explicação que satisfaz o público leigo, logo se tornou um *best-seller*. A publicação do *New York Times* impulsionou um debate internacional, envolvendo acadêmicos, como István Deák³⁹ e Eric D. Weitz, e outras revistas e jornais, tal como a *German History*⁴⁰. Weitz, afirma:

³⁷ GOLDHAGEN, Daniel.J. *The peoples Holocaust!* **New York Times, Op-ED**, 17 Mar. 1996.

³⁸ BAUER, Yehuda. *Don't Condemn All Germans for the Holocaust; A Contradiction?* **New York Times, Op-ED**, Nova Iorque, 24 Mar. 1996.

³⁹ ERSPAMER, Peter. *Goldhagen's "Hitler's willing executioners"*. **H-Net History of the Holocaust List**, Abril, 1996.

⁴⁰ Goldhagen's “*Hitler's Willing Executioners*”. In: **H-High-S, H-Net Reviews. German History**, Abril, 1996.

Both committed Nazis and ordinary Germans shared a "cognitive model" that had demonized Jews for decades and centuries. On the face of it, there is nothing particularly extraordinary about this argument. Yet it is cast in such an overarching fashion that the impact is: 1) to depict Germany's political culture in the nineteenth and twentieth centuries as devoid of any contestations, any fractures; 2) to position the Holocaust as the inevitable outcome of German history; and 3) to diminish drastically the significance of Nazi persecutions of groups other than the Jews.⁴¹

Em primeiras páginas e manchetes, o livro era exaltado, bem como a genialidade do jovem cientista político. No mundo acadêmico, todavia, moldava-se um consenso anti-Goldhagen. O que parecia ser efêmero recobrou fôlego ao longo dos anos, com críticas dinamizadas pelo arsenal da própria historiografia do holocausto e seus próprios paradigmas internos. A natureza, o tema relevado e o caráter – do brando e polido, ao raivoso- alteram-se com o tempo. O livro de Goldhagen torna-se de rejeitado à indispensável para compreender a escrita do holocausto, suas ausências e aprofundamentos até os anos 2000.

3.1 (1996) Machloketle'shem Shamaim

O ano de 1996 é marcado por críticas mais contidas. Uma delas foi impulsionada pelo *The United States Holocaust Research Institute*, integrante do *The United States Holocaust Memorial Museum*. O instituto propiciou o encontro de Goldhagen com o historiador Christopher Browning e o literato Leon Wieseltier, que também é editor do "*The New Republic*". O objetivo era propiciar um debate construtivo, para o bem "da verdade", em um ditado rabínico, "*machloketle'shem Shamaim*."⁴²

Christopher Browning não foi escolhido para esta discussão aleatoriamente. Em seu livro *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution*⁴³, publicado originalmente em 1992, o autor se utiliza das mesmas fontes de Goldhagen – o Batalhão de Polícia 101 -, e visa analisar as motivações de seus homens perante a política genocida. Entretanto, suas conclusões pouco se aproximam das de Goldhagen.

O título do debate deixa claro seu enfoque. *The Willing Executioners/Ordinary Men Debate* coloca em pauta o argumento central dos dois autores. Para Goldhagen, como já pontuado, alemães foram voluntários a matar devido a seu axioma cultural, o antissemitismo eliminacionista.

⁴¹ "Hitler's willing executioners". **H-Net History of the Holocaust List**, Abril, 1996.

⁴² *The Willing Executioners/Ordinary Men Debate*. **The United States Holocaust Research Institute**, Nova Iorque, 8 Abr. 1996, p.02.

⁴³ BROWNING, Chr. *Ordinary Men. Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution*. Nova Iorque: Harper, 1998.

Para Browning, *homens* comuns foram voluntários a matar, devido a uma pluralidade de variáveis, como pressão social, propensão do ser humano a seguir ordens, a uma intensa propaganda, ao medo e ao fato de estarem (os alemães) sob um governo ditatorial.

A palavra é direcionada inicialmente ao que despertou ao mundo o argumento do voluntarismo, mesmo que o livro de Browning seja precedente ao seu. Goldhagen expõe uma resenha de seu próprio livro, com seus argumentos centrais e alguns exemplos analíticos. Browning aduz uma resposta às colocações de Goldhagen sobre as assertivas expostas em *Ordinary Men*, como se pode verificar:

I have taken the wrong track and posed the wrong question, Goldhagen writes, because of at least two factors: 1) I have not been sufficiently rigorous in excluding mendacious, self-serving, and exculpatory postwar perpetrator testimony; and 2) I have naively studied these events through my own non-German cognitive lens rather than—like the anthropologist—discovering the very different cognitive world of the Germans that was so saturated with antisemitism as to make it part of the “common sense” of the day.⁴⁴

A partir da réplica a Goldhagen, C. Browning encaminha suas próprias críticas ao argumento monocausal e à metodologia – seletiva e falha – do autor d’Os Carrascos Voluntários. Críticas essas que se perpetuam nos anos seguintes. Mantém sua afirmativa que *homens* de diferentes nacionalidades formam voluntários nas ações genocidas. E que não apenas *judeus* foram mortos. Desta maneira, a monocausal explicação de um cultural antissemitismo eliminacionista presente na mentalidade alemã torna-se frágil. O que explicaria a participação de outros “carrascos”? O que explicaria a crueldade e o assassinato de outros prisioneiros?

*To maintain his image of uniformity and totality, Goldhagen is particularly keen to discredit the estimate I hazarded in Ordinary Men that some 10-20% of the reserve policemen refused or evaded and became “non-shooters.” It is an estimate, he says, that has no evidentiary base. I would note in this regard that even in his own account of the Helmbrechts death march, he refers to a **minority** among the older guards who according to a Jewish witness “were for the most part good-natured and did not beat or otherwise torment us.”(...) The number of non-shooters may not have been large, but the issue is important. The existence of a small minority of non-shooters suggests the existence of an even larger group of accommodators drawn from the indifferent majority of German society, **who did not share the regime’s ideological priorities but despite initial reluctance and lack of enthusiasm became killers.**⁴⁵ (Grifos meus).*

Desta maneira, reforça seu argumento de ser a motivação para o voluntarismo multicausal – dependente de fatores situacionais, do modelo do regime, de anos de propaganda, de obediência

⁴⁴ BROWNING, Christopher R. *Daniel Goldhagen’s Willings Executioners*. In: *The Willing Executioners/ Ordinary Men Debate*. **The United States Holocaust Research Institute**, Nova Iorque, 8 Abr. 1996, p.16.

e pressão social – contrapondo os argumentos de seu antagonista com outros autores especializados em história da Alemanha e holocausto, tal como David Bankier, Ian Kershaw e Otto Dov Kulka. Reforça:

To my mind the basic questions still remains: how and why could ordinary men like the Schutzpolizei in Auschwitz—men who “could not hurt a fly”—and the Gendarmes in Mir—who considered Jewish actions “dirty”—and the Luxembourgers in Reserve Police Battalion 101 become Holocaust killers? I do not think the answer is that they “wanted to be genocidal killers” because they were “of one mind” with Adolf Hitler about Jews. Demonological German antisemitism is in fact not a sufficient explanation.⁴⁶

Mesmo que o antissemitismo singular alemão se fizesse presente e exteriorizado ao longo da Segunda Guerra Mundial, o modo como Goldhagen comprova sua tese é falho. Conforme Browning expõe, o autor faz um “determinismo metodológico”, selecionando trechos específicos de fontes, depoimentos e mesmo de bibliografia secundária. Do mesmo modo, não atenta que a situação em que se deram os depoimentos era um momento de pressão psicológica, e que os réus alteraram diversas vezes seu depoimento. Questionados sob os eventos apenas na década de 1960, os depoimentos continham memórias fantasiadas, omissões, exageros.

Por trabalhar com as mesmas fontes de Goldhagen, Browning facilmente localiza discursos que contradizem a tese do antissemitismo compartilhado e a vontade sedenta para matar judeus. Um exemplo é o de um policial do batalhão 101, que havia negado em um primeiro depoimento ter participado de algum assassinato em massa. Alguns dias depois, alterou o discurso. Certamente, Goldhagen leu e analisou tal fato. Todavia, ao salientá-lo, sua teoria se enfraqueceria:

*The shooting of the men was so repugnant to me that I missed the fourth man. **It was simply no longer possible for me to aim accurately.** I suddenly felt nauseous and ran away from the shooting site. I have expressed myself incorrectly just now. It was not that I could no longer aim accurately, rather that the fourth time I intentionally missed. I then ran into the woods, vomited, and sat down against a tree. To make sure that no one was nearby, I called loudly into the woods, because I wanted to be alone. Today I can say that my nerves were totally finished. I think that I remained alone in the woods for some two or three hours.⁴⁷ (Grifos Meus).*

Em abril de 1996, um simpósio foi realizado pelo *Holocaust Research Institute at the Holocaust Memorial Museum*^{48,49}, com o tema o livro “Os Carrascos Voluntários de Hitler.” A histo-

⁴⁵ Idem, p.27.

⁴⁶ BROWNING, 1996, p. 26.

⁴⁷ Idem, p. 32.

⁴⁸ *Symposium on Goldhagen's Hitler's Willing Executioners.* Disponível em <http://www.h-net.org/~german/discuss/goldhagen/gold5.html>. Acesso em Abril/Maio de 2013.

⁴⁹ Simpósio que originou a coletânea de artigos *The Willing Executioners/ Ordinary Men Debate*.

riadora especialista em História da Alemanha, Maria D. Mitchell registrou uma breve ata do evento. Nesta, descreve a participação no debate de importantes personagens no universo acadêmico, como Yehuda Bauer, Konrad Kwiet, Lawrence Langer e Christopher Browning. As críticas feitas por Browning, já expostas, encontraram ampla ressonância entre estes intelectuais.

Apesar das intensas críticas à metodologia e aos argumentos, o livro – logo, a tese – de Goldhagen, neste ano, não é de todo descartada. No mesmo debate, Leon Wieseltier traz à superfície que a intensa onda estruturalista ainda presente no meio acadêmico levou a ausência de abordagens que homens, com nomes e memórias, e não estruturas foram os perpetradores:

*About some of his claims, I think, he is right. After Goldhagen, the causal relation between ideas and genocide will be impossible to deny. His book is a significant study in the responsibility of culture. It is a permanent embarrassment to materialist theories of the Shoah. Goldhagen has returned moral agency to a place of prominence in the consideration of genocide. In the Holocaust, after all, structures did not murder structures. People murdered people.*⁵⁰ (Grifos Meus).

Götz Aly, historiador, escreveu um artigo em setembro de 1996, o qual também salienta o caráter positivo do livro de Goldhagen. Iniciando seu texto com “tudo que Goldhagen diz é verdade⁵¹”, não corrobora com tudo que o autor trabalhado afirma, nem com sua metodologia “determinista”. Mas releva que a publicidade dada ao livro é positiva para dinamizar e aprofundar os estudos do holocausto, bem como retomar a ideia de iniciativas pessoais e do poder da ideologia e da crueldade. Aly afirma ser ele próprio da vertente estruturalista. Um viés que estava, no momento, saturadamente estudado. Instituições, mais que pessoas, indivíduos, se tornaram o enfoque. Götz Aly afirma que Goldhagen retoma a ideia intencionalista; contudo, um novo intencionalismo: “While the old literature gave us Hitler the ‘intentionalist’, pressing for genocide from the start, Goldhagen’s book gives us ‘the Germans’ as the great intentionalists.”⁵² Um novo debate historiográfico, assim, deveria dar continuidade a esta tese. Logo, mais que o argumento do livro em si, a repercussão de “Os Carrascos Voluntários de Hitler” fez com que – além dos “cidadãos comuns”, atraídos pela mídia – especialistas comprassem, discutissem e perpetuassem as assertivas de Goldhagen. A repercussão do livro tornou-se mais estrondosa que seu conteúdo. Cientistas voluntariaram-se a continuar o debate. Todavia, não mais de maneira tão amigável.

⁵⁰ WIESELTIER, Leon. *Final Comments*. In: *The Willing Executioners/ Ordinary Men Debate*, Idem, p.41.

⁵¹ ALY, Götz. *The Universe of Death and Torment*, 1996. Disponível em http://www.yadvashem.org/download/about_holocaust/studies/aly_full.pdf. Acesso em Abril-Julho de 2013.

⁵² ALY, Götz, idem, p.05.

3.2 (1997) Na cova dos leões

Em maio de 1996, o *New York Times* anunciou o cancelamento do Fórum sobre o holocausto, que se realizaria na Alemanha e teria como palestrante Daniel J. Goldhagen. O motivo seria a hostilidades de acadêmicos locais frente às teses do autor:

*The debate, which had been scheduled for this evening, was to include Daniel J. Goldhagen, whose book, "Hitler's Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust", has been vigorously attacked by some German critics for being one-sided, derivative and lacking in scholarship.*⁵³ (Grifos meus)

À época, apenas os especialistas alemães mais interessados haviam lido o livro, já que este não havia sido publicado em outras línguas que não o inglês. Goldhagen utiliza o argumento do desconhecimento do público amplo do conteúdo do debate para se ausentar, e retornar quando da publicação em alemão: “*Mr. Goldhagen, an assistant professor of government and social studies at Harvard University, said he had decided to withdraw until Germans could read the book.*⁵⁴”

A publicação do livro na Alemanha, no segundo semestre de 1996, abriu possibilidades para críticas mais agressivas e acalorou o debate, qualitativa e quantitativamente. Críticas à metodologia e aos argumentos persistem como no ano de lançamento, porém, outros debates historiográficos se fazem presentes. Robert Gellately⁵⁵, Bernard Rieger⁵⁶, Yehuda Bauer⁵⁷, Ruth Bettina Birn⁵⁸, Norman Finkelstein⁵⁹, Tânia R. Zimmerman⁶⁰ e Raul Hilberg⁶¹ publicam artigos e resenhas onde se focam, sobretudo, na crítica à metodologia seletiva, na manipulação de fontes e bibliografias e na argumentação monocausal e pouco convincente do antissemitismo eliminacionista alemão. Isto tendo em vista a participação – também cruel – de outros perpetradores, e a detenção e

⁵³ CARVAJAL, Doreen. *Forum on Holocaust Canceled After an Author Withdraw*. **The New York Times**, Nova Iorque, 07 Mai.1997.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ GELLATELY, Robert. *Hitler's Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust*.by Daniel Jonah Goldhagen. **The Journal of Modern History**, vol. 69, nº. 1, Março, 1997, p. 187-191.

⁵⁶ RIEGER, Bernard. “*Daniel in the Lion's Den?*” *The German Debate about Goldhagen's "Hitler's Willing Executioners*. **History Workshop Journal**, nº. 4, 1997, p. 226-233.

⁵⁷ BAUER, Yehuda. *On perpetrators of the Holocaust and Public Discourse: Hitler's Willing Executioners by Daniel J. Goldhagen*. **The Jewish Quarterly Review**, University of Pennsylvania Press New Series, Filadélfia, vol. 87, nº. 3/4, Jan - Abril, 1997, p. 343-350.

⁵⁸ BIRN, Ruth Bettina. *Revising the Holocaust*. **The Historical Journal**, vol. 40, nº. 1, Março, 1997, pp. 195-215.

⁵⁹ FINKELSTEIN, Norman G. *Daniel Jonah Goldhagen's 'Crazy' Thesis: A Critique of Hitler's Willing Executioners*. **New Left Review**, Londres, nº 224, Julho, 1997, p. 39-88.

⁶⁰ ZIMMERMANN, Tânia Regina. *Resenha de GOLDHAGEN, Daniel. Os Carrascos Voluntários de Hitler: O povo alemão e o Holocausto*. (Trad): ROIZMAN Luis Sergio. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 644-652.

assassinato de outras vítimas que não judeus. Como arremate, posicionam-se sobre a importância – ou não – do livro no debate historiográfico.

O jornal *The New Republic* publica em 23 de dezembro de 1996 o artigo *A reply to my critics: Motives, Causes and Alibis*⁶². Goldhagen tem o direito de resposta a seus críticos em dez páginas de jornal. O público amplo, desta maneira, tem acesso à sua resposta, mesmo que desconheça as críticas dos cientistas sociais e historiadores.

Mais que expor de modo claro seus argumentos e a tese do livro, o autor critica a seus críticos. Afirma terem os críticos entendido mal seus argumentos, ou inventado ter ele dito ou escrito algo, apenas para torna-lo mal visto. Sua tese estaria correta, e os críticos não teriam como desmenti-la por não possui outra tese coerente: “*And If deem my explanations implistic, then they must demonstrate that a better one exist. But my critics say that my explanation is wrong without providing any coherent alternative.*”⁶³

Sua tese, ele afirma, é bem fundamentada. Ser o antissemitismo eliminacionista a chave para a motivação alemã não significa um reducionismo ou ausência de pesquisa. Os demais argumentos – sobretudo estruturalistas – seriam “clichês”⁶⁴. Critica Browning e Omer Bartov por não compreenderem e distorcerem sua tese em suas críticas ao livro. Logo, as críticas se davam sem que algum lado cedesse, mas somente acusasse.

Não tardou para uma resposta ao artigo. Em fevereiro de 1997, o jornal recebeu cartas ao editorial de Bartov e Browning. Desta vez, contudo, com menos delicadeza que em momentos anteriores. As críticas vão além da tese e argumentos, alcançando a pessoa de Goldhagen em si. Browning não é singelo, afirmando ter Goldhagen adquirido um novo inimigo⁶⁵. E descreve Bartov: “*Finally, Goldhagen employs a deplorable technique o argumentation. His obvious intelligence indicates that he does not misunderstood the others scholars views, but is either ignorant of them or quite intentionally distorts them to suit his purposes.*”⁶⁶

⁶¹ HILBERG, Raul. *The Goldhagen Phenomenon*. **Critical Inquiry**, The University of Chicago Press, Chicago, vol. 23, nº 4, 1997, p. 721-728. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1344046>. Acesso em Abril de 2013.

⁶² GOLDHAGEN, D.J. *A Reply to my critics: Motives, Causes and Alibis*. **The New Republic**. Nova Iorque, Dezembro, 1996, Pp. 02-12.

⁶³ Idem, p. 03.

⁶⁴ Idem, p. 02.

⁶⁵ *Correspondence: The German Ideology*. **The New Republic**, Nova Iorque, Fevereiro, 1997. Pp. 02.

⁶⁶ Idem.

Goldhagen tem a oportunidade de réplica. Como de costume, reafirma seus argumentos, sem deixar de criticar os historiadores. Mais que isso, deixa a questão: “*Why has my book had its greatest success in Germany?*”⁶⁷”

Raul Hilberg é um dos autores que trabalha com a participação de “alemães comuns” no genocídio. O autor dedica uma resenha ao livro de Goldhagen, onde afronta a assertiva da constante presença do antissemitismo eliminacionista na Alemanha. Pontua a presença de antissemitismo por toda a Europa, tanto na “Idade Média” quanto no século XIX. Ter o holocausto se desencadeado na Alemanha não era uma tão óbvia quanto se transparece:

*Anti-Semitism was widespread in Europe during the late nineteenth century and in the years before the outbreak of World War I. The anti-Semites proclaimed their beliefs in speeches, pamphlets, and political programs. In some countries, this movement resulted in discrimination against the Jews, and in Russia it was dangerous enough to bring about pogroms (...).*⁶⁸ (Grifos Meus)

Para Hilberg, a tese de Goldhagen leva à suposição de demoníacos alemães, possuídos com o íncubo do antissemitismo. Não leva em conta o contexto histórico da Alemanha, seu diálogo com a situação da Europa, as leis, lutas e outras barreiras à manifestação antissemita. A Solução Final, para o autor, foi paulatina. Goldhagen não seguiu os caminhos desta rotina ao estender o antissemitismo há tempos imemoriais.

Os contextos da Alemanha antes de 1933 são também salientados por David North. A sociedade era desarmônica, em constante conflito de interesses, baseados por diferentes ideologias econômicas e políticas – como a mobilização comunista e socialista. O antissemitismo não era o discurso predominante. A sociedade não se organizava em prol da execução de judeus:

*What Goldhagen, therefore, offers his readers is not a scientific examination of German society as it really was constituted in 1933, but rather—and it is unpleasant to say this—an idealized portrait of a homogenous society that uncritically substantiates the Nazi myth of a unified German Volk, defined by race and blood. Having chosen this concept of the “ordinary German” as the basis of his entire analysis, Goldhagen is compelled to exclude from his book anything or anyone that might call into question the validity of this stereotype (...). There is virtually no reference to the events and personalities that determined the course of German development in the 100 years that preceded Hitler’s accession to power.*⁶⁹

⁶⁷ *Correspondence: The German Ideology*, idem, p. 03.

⁶⁸ HILBERG, 1996, p. 03.

⁶⁹ NORTH, David. *Anti-Semitism, Fascism and the Holocaust: A critical Review of Daniel Goldhagen’s Hitler’s Willing Executioners*. **World Socialist Web Site**, 17 Abr. 1997.

Birn⁷⁰, tal como Bauer, faz um apanhado geral dos argumentos do livro junto à crítica analítica. A partir da análise das assertivas de Goldhagen, Birn salienta pontos fracos de sua obra, os quais não haviam sido anteriormente apontados, como, por exemplo, o contexto das interrogações:

*A number of other variables have to be considered: (i) the context of the investigation (...) (2) the context of the statement (perpetrators often gave different statements, in different settings and at different times, which can differ considerably in content), (3) the manner in which the statement was recorded (...).*⁷¹

Gellately é especialista na Gestapo, a polícia secreta do Nacional Socialismo. A partir de seu conhecimento, desmantela o axioma cultural do antissemitismo eliminacionista. Afirma que o motivo para denúncias contra judeus era plurais, e não necessariamente o antissemitismo. Também uma grande parte nunca se posicionou contra este grupo. O silêncio perante as atrocidades não seria consentimento, mas derivado do receio, já que estavam sob um regime ditatorial. Por fim, pontua: *If eliminationist and potentially murderous anti-Semitism were rising so obviously and inexorably from the latter part of the nineteenth century, why was this odious development not widely perceived by the Jewish community?*⁷²

Tanto Bauer, quanto Zimmerman e North atentam para a tentativa – implícita – de Goldhagen de delinear uma sociedade alemã harmônica, consensual, tendo como ponto de contato o antissemitismo radical. Isto é uma inferência sem embasamento argumentativo, ao se trabalhar a opinião pública alemã sob o regime e o contexto histórica da Alemanha e os diferentes posicionamentos sociais, culturais e políticos. A própria adoção do termo “comuns” leva à suposição de uma sociedade equalizada. Quem eram os “alemães comuns?” O que se quer dizer com “comuns?” Engloba todas as classes, religiões, grupos políticos?

Não sendo o antissemitismo alemão nem eliminacionista, nem consensual, não teria ele encaminhado à ascensão de Hitler. Hitler – e o NSDAP – ascendeu ao poder justamente porque *não* alcançaram votos suficientes em vias democráticas. Os partidos de esquerda pareciam poder ganhar as eleições; desta maneira, o então presidente Hindenburg encaminhou Hitler ao cargo de chanceler⁷³, assim, não era necessariamente a “vontade do povo”.

⁷⁰ BIRN, p.02.

⁷¹ Idem.

⁷² GELLATELY, p.188.

⁷³ Idem, p.348.

Os autores não se limitaram à críticas vazias, sem nada a acrescentar ao debate historiográfico. Gellately, no mesmo artigo, afirma que as falhas da tese de Goldhagen levam a uma análise das falhas das teses da historiografia do holocausto em geral. Diferentes perguntas podem ser feitas aos argumentos do autor, perguntas essas ainda com poucas elucubrações e conclusões no ambiente acadêmico. Gellately levanta uma pergunta, ecoada por Alford: “O avanço da sociedade moderna em nada influenciou no Holocausto?”⁷⁴”

Em *Daniel in the Lion's Den*, Rieger salienta o modo como Goldhagen retoma o debate entre intencionalistas e funcionalistas, fato recorrente no ano seguinte, mas também trabalhado por Alford. Localiza o autor como intencionalista. Todavia, enquanto no intencionalismo “clássico” Hitler é o centro das tomadas de decisões perante o holocausto, o “novo intencionalismo” de Goldhagen foca na atitude dos indivíduos, já esmiuçando novos desenhos da historiografia. Assim, a tese de Goldhagen, por um lado, se afasta da concepção de culpa coletiva, atribuindo a mesma culpa a decisões individuais, as quais escolheram perpetrar as ações. Todavia, sendo os alemães cegos antissemitas, sua moral não seria a mesma moral do mundo europeu; não haveria escolhas, além do antissemitismo eliminacionista. A ideia de escolha é ofuscada. Quem pode culpar quem não tem poder sobre suas decisões? Perpetradores presos ao seu próprio modelo cognitivo perdem a capacidade de julgamento e escolha.

Percebe-se, neste ano, que as críticas ao autor acabam por inseri-lo no debates da historiografia do holocausto e repaginando debates esquecidos há certo tempo. Bauer, por exemplo, em sua demonstrativa de expor a falta de novidade na tese de Goldhagen, acaba por retomar a discussão sobre o *Sonderweg*: “*The thesis is not new, of course. In Germany itself, immediately after the war, the idea of a special German historical development (the 'Sonderweg' theory) was the then current explanation for what had happened.*”⁷⁵”

O amplo público continuou ao lado de Goldhagen. Compram o livro – e a ideia – pelo marketing, pelo sensacionalismo causado pelos debates, pela simples explicação que reconforta a todos. Historiadores e demais cientistas sociais que negaram a tese de Goldhagen não por poucas vezes foram acusados de antissemitas. A participação da ampla mídia não cessava, e a polêmica se

⁷⁴ GELLATELY, p.191.

⁷⁵ BAUER, p.344.

renovava. Como afirma Rieger: “*This debate was mainly conducted in the media and the book achieved mainly symbolic status*”⁷⁶. ”

No ano de 1997, Goldhagen foi entrevistado pela *Society*. A chamada do repórter – também professor de inglês e professor adjunto de humanidades em *New York University* – envolve-se de palavras com conotações exultantes, apelativas ao grande público: *Professor Daniel Goldhagen, [...] is the author of a profound, powerful, deeply moving, and convincing study entitled Hitler's Willing Executioners, (...)*.⁷⁷ (Grifos Meus)

Por mais uma vez, Goldhagen defende seus argumentos exaustivamente, todavia, desta vez, aplaudido pelo entrevistador. Parecia, para os acadêmicos, que travavam uma guerra já perdida. Não desistiram, contanto. Os anos seguintes continuaram a lembrar “Os Carrascos Voluntários”. Ao mesmo tempo, a memória do holocausto era revista. Sua história, recontada.

3.3 (1998/1999) O fim da “Golden-age”?

O final dos anos 1990 – 1998 e 1999 - renova a natureza do debate acerca de Goldhagen, seu livro e sua tese. As críticas mais sórdidas – mesmo que ainda existentes – são características de um momento passado. Todavia, mesmo que de modo pincelado, o autor torna a aparecer em inúmeros livros, resenhas e artigos dos mais célebres historiadores do holocausto. Uma novidade também se faz presente: a crítica por parte de outras áreas – como psicólogos e literatos – se faz mais comum. Um renovado e repaginado debate historiográfico acerca do holocausto emerge.

Pode-se afirmar que o relançamento do livro de Browning⁷⁸ em 1998 e seu Posfácio dedicado a uma explanação acerca das assertivas de Goldhagen mantiveram um elo de continuidade com opiniões anteriores, pois Browning mantém o padrão de crítica de 1997 e 1998, com foco na metodologia e uso das fontes. A oposição, após a explanação argumentativa, tende a ser entre a ideia monocausal que Goldhagen propõe de uma sociedade cognitivamente voltada a um antissemitismo eliminacionista, por ter ao longo de sua história momentos que demonstrem tal situação, *versus* uma multicausal explicação motivacional exposta por Browning, tal como pressão social, propaganda, coerção política e busca por ascensão profissional.

⁷⁶ RIEGER, p.230.

⁷⁷ *Society*. vol. 34, 1997.

⁷⁸ BROWNING, Chr.; *Ordinary Men. Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution*. Nova Iorque: Harper 1998, p.191-223.

Críticas à metodologia e aos argumentos também foram feitos de modo retardatário pelo literato Berman Rusell⁷⁹, e com viés psicológico por Gustav Jahoda⁸⁰. Russel pontua a má conceitualização e concepção de cultura adotada por Goldhagen, uma cultura estática e sem tensões internas. Afirma que Goldhagen analisou uma parte da cultura alemã, minoritária e com pouca expressão, ao passo que deixou de lado expressões maiores à época, como Goethe, Schiller, Hine ou Nietzsche⁸¹. Finaliza: “*it is a poor book, unconvincingly argued, that is based on a central claim that is objectively wrong.*”⁸² Jahoda segue a mesma linha de Berman, mas de modo menos ácido ou condenatório. Em seu artigo, apresenta estudos realizados com crianças de 6 a 12 anos à época da República de Weimar e logo após os nazistas ascenderem ao poder. Conclui que

*Street fights between adherents of the left and right were frequent; violence was part of the everyday experience of working-class children. Yet what children gradually absorbed was not antisemitism, as Goldhagen claimed, but anti-capitalism. Moreover, they did not merely believe that capitalists were responsible for their misery; they also developed intense resentment, even hatred, for these symbolic figures.*⁸³

O artigo de Rosenfeld⁸⁴ poderia ter colocado um fim à discussão e deixado “Os Carrascos Voluntários” como um descaminho na historiografia do holocausto. O autor clama ser tudo uma discussão vazia, mais fruto de apelo midiático que de conteúdo em si. Salienta a inicial recepção negativa dos alemães e aceiteamento *à posteriori*. Isto indica, segundo Rosenfeld, que, enquanto outros livros levantaram debates pelo momento político alemão, o de Goldhagen, apareceu como uma oportunidade de uma resposta simples para algo que se quer esquecer, e não lembrar e compreender.

Contudo, a constante presença d’Os Carrascos reabriu a ferida, há tempos em bálsamo pela corrente funcionalista, a qual diminuiu responsabilidades individuais. Um debate se reabriu, questionando e revisando todas as perspectivas explicativas para o holocausto. Moses⁸⁵ retoma o deba-

⁷⁹ BERMAN, R. A. *An Imagined Community: Germany According to Goldhagen*. **The German Quarterly**, Berlim/Nova Iorque, vol. 71, nº. 1, 1998, p. 63-67.

⁸⁰ JAHODA, Gustav. “*Ordinary Germans*” before Hitler: A Critique of the Goldhagen Thesis Hitler’s Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust. by Daniel Jonah Goldhagen. **The Journal of Interdisciplinary History**. Nova Iorque, vol. 29, nº1, 1998, p. 69-88.

⁸¹ Idem, p.65.

⁸² Idem, p.66.

⁸³ JAHODA, p.86.

⁸⁴ ROSENFELD, Graviel D. *The controversy that isn’t: The debate over Daniel Goldhagen’s “Hitler’s Willing Executioners” in comparative Perspective*. **Contemporary European History**, Cambridge University Press, Londres, vol.8, nº 2, 1999, p. 249-273.

⁸⁵ MOSES, A.D. *Structure and Agency in the Holocaust: Daniel J. Goldhagen and His Critics*. **History and Theory**, Wesleyan University, Nova Iorque, vol. 37, nº. 2,1998, p. 194-219.

te entre intencionalistas e funcionalistas ao localizar a retomada da corrente intencionalista por Goldhagen, mesmo que critique a noção de intenção deste autor. Atribuí uma nova nomenclatura, em um termo geral de particularistas e universalistas. Para o autor, todos aqueles que trabalham acerca do holocausto posicionam-se, mesmo que inconscientemente, em uma destas linhas. Assim, este dualismo marcaria, até o momento, a estrutura da historiografia do holocausto. Pontua que o amplo impacto popular do livro de Goldhagen propicia a oportunidade de refletir acerca das pesquisas já realizadas, aprofundá-las e transcender o já dito.⁸⁶ Esta reflexão foi realizada por Westermann⁸⁷ que, por meio da análise do Batalhão 310, conclui que não se pode generalizar os perpetradores por algumas amostras. Nem o Batalhão (Reserva) 101 nem o 310 são significativos para caracterizar a sociedade alemã. Cada batalhão possui pessoas diferentes, em situações diferentes: “*Police Battalion 310 was but one of many police units that served on the Eastern Front. Therefore, it is not possible to draw definitive conclusions with respect to all police battalions or their members.*”⁸⁸”

Ulrich Herbert⁸⁹, Omer Bartov⁹⁰ e Nikolaus Wachsmann⁹¹ publicam em 1998 e 1999 ensaios e artigos os quais localizam Goldhagen na historiografia do Holocausto. Por fim, Bartov, em um amplo ensaio, demonstra que - a partir de “Os Carrascos Voluntários de Hitler” – esta historiografia e de demais genocídios deve atentar para a costumeira concepção de vítimas *versus* inimigos. A história é mais complexa que um mundo dual e maniqueísta. A construção da imagem da vítima e do inimigo, e o discurso da vitimização, devem ser investigados, a fim de se salientar padrões e evitar tamanhas atrocidades⁹².

3.4 (Os anos 2000) Virada do século, virada historiográfica?

⁸⁶ Idem, p.198.

⁸⁷ WESTERMANN, Edward B. “*Ordinary Men*” or “*Ideological Soldiers*”? *Police Battalion 310 in Russia, 1942*. **German Studies Review**, Berlim/Nova York, vol. 21, n°. 1,1998, p. 41-68.

⁸⁸ Idem, p 62.

⁸⁹ HERBERT, Ulrich. *Academic and Public Discourses on the Holocaust: The Goldhagen Debate In Germany*. **German Politics and Society**, 1999, p. 1-12.

⁹⁰ BARTOV, Omer. *Defining Enemies, Making Victims: Germans, Jews, and the Holocaust*. **The American Historical Review**, vol. 103, n° 3, 1998, p. 771-816.

⁹¹ WACHSMANN, Nikolaus. *Review Article: After Goldhagen. Recent Work on the genesis of the Nazi Genocide*. **Journal of contemporary History**, vol. 3, n° 3, 1999, p. 477-487.

⁹² BARTOV, p.45.

As recentes publicações muito raramente citam Goldhagen de modo direto, e se o fazem, é de modo pontual, pouco abrangente. Exceções são vistas, como em Nick Zangwill⁹³ e Kamber⁹⁴. A natureza da historiografia do holocausto, ao mesmo passo, toma um novo corpo. A memória do holocausto é revista. As ausências e exageros antes não percebidos nas teorias fizeram-se aparecer. Autores como Brennan⁹⁵, Mews⁹⁶ e Duffy⁹⁷ realizam uma retrospectiva da historiografia do holocausto e inferem motivações dos perpetradores. Já artigos como os de Bessel⁹⁸, Cotkin⁹⁹ e Ian Kershaw¹⁰⁰ inserem Goldhagen na antiga discussão entre intencionalistas e funcionalistas, como trabalham a atual – e necessária – congruência entre ambas as defesas. A relação entre moralidade e estudos do holocausto se faz aparecer, bem como novas hipóteses sobre a singularidade do nazismo e o holocausto. Acabam por revelar um retorno a antigos debates – o modernismo, o *Sonderweg*, o processo de tomada de decisão. Todavia, não mais com autores se posicionando entre uma ou outra vertente, mas analisando-as de modo o mais imparcial e crítico possível, a fim de fortalecer as argumentações, e não desmenti-las. De enriquecer a historiografia, torná-la a mais completa, com temas que se complementem, e não entrem em embate de surdos, onde cada trabalha com suas teorias sem analisar a dos demais.¹⁰¹ O debate desencadeado por Goldhagen não foi, enfim, vazio. O vigor do conteúdo pode ser discutível, mas os resultados de sua discussão expuseram-se construtivos.

⁹³ ZANGWILL, Nick. *Perpetrator Motivation: Some Reflections on the Browning / Goldhagen Debate*. **Moral Philosophy and the Holocaust**. (ed.) GARRARD, Eve Garrard e SCARRE, Geofre. Ashgate: 2003. Pp. 1-15

⁹⁴ KAMBER, Richard. *The Logic of the Goldhagen Debate*. **Res Publica**, vol 6, 2000.

⁹⁵ BRENNAN, Michel. *Some Sociological Contemplations on Daniel J. Goldhagen Hitler's Executioners*. **Theory, Culture & Society**, vol 18, Agosto, 2001.

⁹⁶ MEWS, Siegfried. *Review: The "Goldhagen Effect."* *History, Memory, Nazism: Facing the German Past* by Geoff Eley. **The German Quarterly**, Berlim/Nova York, vol. 75, n°. 1, 2002. Pp. 91-92.

⁹⁷ DUFFY, Gaven. *Why were so many Germans prepared to participate in the Holocaust?*, University of Ireland Galway, Agosto, 2012.

⁹⁸ BESSEL, Richard. *Functionalists vs. Intentionalists: The Debate Twenty Years on or whatever Happened to functionalism and Intentionalism?* **German Studies Review**, Berlim/Nova Iorque, vol. 26, n°. 1, 2003. Pp. 15-20.

⁹⁹ COTKIN, George. *History's Moral Turn*. **Journal of the History of Ideas**, University of Pennsylvania Press, Filadélfia, vol. 69, n°. 2, 2008. Pp. 293-315.

¹⁰⁰ KERSHAW, Ian. *Hitler and the Uniqueness of Nazism*. **Journal of Contemporary History**, University of Chicago Press, Chicago, vol. 39, n°. 2: *Understanding Nazi Germany*, 2004. Pp. 239-254.

¹⁰¹ Ver por exemplo GREGOR, Neil. *Culture, Political Culture: Recent Work on the Third Reich and Its Aftermath*. **The Journal of Modern History**, University of Chicago Press, Chicago, vol. 78, n°. 3, 2006. Pp.643-683 e FITZPATRICK, M.P. *The Pre-History of the Holocaust? The Sonderweg and Historikerstreit Debates and the Abject Colonial Past*. **Central European History**, University of Chicago Press, Chicago, vol. 41, n°. 3, 2008. Pp. 477-503.

Conclusões

1. Uma renovada historiografia do holocausto.

“Os Carrascos Voluntário de Hitler” foi publicado há mais de quinze anos. Por quase duas décadas, críticas o retomam, o revivem, repaginam o debate e o mantem um livro essencial na biblioteca de um historiador, de um cientista social. De tamanhas revisões e artigos a ele direcionados, é possível salientar as principais críticas por temática. Estas são:

1. Uso inadequado da metodologia: Se expõe seletiva ao ponto de ser manipulada para corroborar com a ideia central do autor; preconceção da conclusão, independentemente das fontes exporem fatos que a contradizem; linguagem apelativa ao senso moral cristão-ocidental contemporâneo, que faz do livro um julgamento de valor dos alemães da primeira metade do século XX; ausência de ratificação empírica em relação ao antissemitismo eliminacionista ao longo da trajetória histórica alemã; pouco – por vezes nenhum – trabalho da trajetória da história alemã e da conjuntura em que o holocausto se faz possível – as políticas do NSDAP, processos de decisão, a eclosão da II Guerra Mundial.
2. Antissemitismo: Argumentação ahistórica; explicação monocausal e constante – o antissemitismo eliminacionista “sempre presente” nos alemães - como motivação para o assassinato de milhões de judeus no holocausto, sem embasamento suficientemente exposto ou convincente, por meio da argumentação e exposição de fatos históricos; anula a presença do antissemitismo como lugar-comum em países europeus, manifestado tanto na idade média (direcionado pela doutrina católica) como na idade moderna, sobretudo no século XIX; não trabalha com outras variáveis que possam ser motivadoras, como a propensão à obedecer ordens, os anos de propaganda, a busca por melhor *status* no emprego, a pressão social.
3. Vítimas: Críticas ao modo passivo que expõe os judeus; não trabalha com as demais vítimas, tal como “ciganos” – os *Sintis* e *Romas* – homossexuais, opositores políticos.
4. Os Perpetradores: Críticas ao modo que expõe o consenso social alemão nucleado na irrefreável vontade de exterminar o povo judeu; críticas à própria concepção de con-

senso social, quando se está sob um governo ditatorial; não trabalha ações de resistência e a coerção – não necessariamente física, como é o caso da propaganda - do governo; entra em contradições, ao expor outros perpetradores tão cruéis quanto alemães, porém ausentes da cultura eliminacionista.

5. A tese: afirmar trabalhar com “alemães comuns” algo original é desconsiderar livros clássicos e anteriores, como os trabalhos de Raul Hilberg e Christopher Browning.

Mas por que um livro tão negativamente criticado expõe-se tão indispensável a um acadêmico do holocausto? Ora, a importância do livro não está tão somente no conteúdo em si. A visível apreciação desfavorável por maior parte do meio acadêmico, como demonstrado acima, não rescindiu a argumentação de Goldhagen. Uma argumentação falha, mas trouxe à superfície, ao público amplo, o tema do holocausto nazista trabalhado como História Social. Uma história que não se restringe à Hitler e seus imediatos, à cúpula do Partido, às suas decisões e prováveis manipulações.

Não se busca olvidar os trabalhos anteriores direcionados pelo viés da História Social. Contudo, a repercussão do livro d’Os Carrascos desencadeou a autocrítica destes antigos trabalhos, sinalizando suas ausências e falhas, sejam temáticas, metodológicas e até mesmo discursivas. Entre estes estão os bem conceituados *The Germans and the Final Solution*, de David Bankier¹⁰² e *Perpetrators, Victims, Bystanders*¹⁰³, do aclamado Raul Hilberg. Ambos acabam por refletir acerca da motivação de alemães “comuns” no genocídio judaico. Hilberg sinaliza a diversidade de personalidade dos perpetradores¹⁰⁴, bem como expõe a pluralidade motivacional, tal como ambição, sobretudo com relação à carreira¹⁰⁵, os fanáticos, os integrados na burocracia, os que obedecem às ordens. Destaca a participação de não-alemães como perpetradores, bem como vítimas não-judias, o que será retomado sobretudo por Ian Kershaw. A novidade é a assertiva que o holocausto foi possível não somente pelos perpetradores, mas também pelos “espectadores¹⁰⁶”. Estes sabiam, em diferentes graus de conhecimento, o destino de judeus, mas expunham-se apáticos e

¹⁰²BANKIER, David. *The Germans and The Final Solution: Public Opinion under Nazism*. Nova Iorque: Blackwell, 1992.

¹⁰³HILBERG, Raul. *Perpetrators, Victims, Bystanders: The Jewry Catastrophe 1933-1945*. Nova Iorque: Harper Perennial, 1993.

¹⁰⁴Idem, p. 51.

¹⁰⁵Idem, p. 46.

indiferentes, legitimando a ação assassina. Já Bankier traz a destaque o poder da propaganda, que vai ao encontro das pretensões e diferentes interesses da sociedade alemã, à satisfação de aspirações sociais pelo governo, que cria um consenso imaginário, bem como uma sociedade predisposta ao antissemitismo. Um antissemitismo intensificado pelo nazismo, fator que não despertou ódio, mas, sobretudo, alienação política.

Após a publicação de Goldhagen, as críticas também auxiliaram – inclusive em assuntos mercadológicos – na produção de novos livros e teses com enfoque nos perpetradores “comuns” e embasados na História Social. Entre eles, pode-se destacar “Apoiando Hitler¹⁰⁷” (2010), *Nazi Terror*¹⁰⁸ (2000), *Nazi Policy, Jewish Workers, German Killers*¹⁰⁹ (2000) e *Hitler, The Germans, and the Final Solution*¹¹⁰ (2008). O antissemitismo não é deixado de lado, mas sim trabalhado de modo melhor embasado empiricamente do que o foi por Goldhagen. Kershaw, por exemplo, salienta o processo da sociedade alemã de um antissemitismo latente para um dinâmico. Assim, as reações vão desde apatia, indiferença, à atividade assassina¹¹¹.

A intersecção entre os diferentes temas trabalhados se dá, praticamente, no estudo sobre o consenso – sua construção, ausência ou permanência – da sociedade alemã perante as políticas do NSDAP, inclusive a política racial de extermínio. Gellately e Johnson pendem para a assertiva que o consenso se molda pela pouca percepção do terror de um estado centralizado, em contraposição aos benefícios – como emprego, baixa da inflação e da criminalidade, e lazer - que o Terceiro Reich proporcionou. Nas palavras de Gellately, “A coerção e o confinamento dos anos 1930 não foram por atacado nem totalmente aleatórios, mas seletivos e focados¹¹².” A perda da liberdade, quando em vista os benefícios proporcionados, era aceitável. A eliminação de agentes antissociais, grupos minoritários, por muitos já indesejados, não atingia ao grande público, que via seus anseios em grande parte atendidos.

¹⁰⁶Do original, *Bystanders*.

¹⁰⁷ GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler: Consentimento e Coerção na Alemanha*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

¹⁰⁸ JOHNSON, Eric A. *Nazi Terror: The Gestapo, Jews and Ordinary Germans*. Nova Iorque: Basic Books, 2000.

¹⁰⁹ BROWNING, Christopher. *Nazi Policy, Jewish Workers, German Killers*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

¹¹⁰ KERSHAW, Ian. *Hitler, The Germans, and the Final Solution*. Jerusalém: **International Institute for Holocaust Research Yad Vashem**, 2008.

¹¹¹ KERSHAW, 2008, p. 147.

¹¹² GELLATELY, 2010, p.391.

O consenso, todavia, não significa uma sociedade equalizada em pensamentos. Gellately trabalha a coerção – que apesar de nucleada, era existente, real e *conhecida* pela sociedade – e resistências, sobretudo individuais e silenciosas, aos desígnios do nazismo. Infere-se, desta maneira que, se a sociedade alemã agia perante interesses próprios, e a existência de uma sociedade harmônica e equalizada é mais virtual que real, e os modos de recepção, compreensão e atuação perante a política antisemita são inúmeros. Dependem de fatores individuais- que vão desde moral religiosa ao interesse profissional -, de conjuntura – momentos de guerra trazem maiores preocupações com o próprio bem-estar do que com grupos minoritários, de pessoas desconhecidas -, bem com pressão e vigilância social e política.

Pergunta-se, então: Quem são estes “alemães comuns”?

2. Considerações finais: Dando nome aos “comuns”.

De imediato, presume-se serem os alemães comuns aqueles não integrantes da máquina da morte do governo de Hitler: da Gestapo, da Polícia Uniformizada, da SS. Todavia, a sociedade alemã- bem como qualquer sociedade, é válido dizer – é mais complexa do que uma camada ideologizada e a “população”. A ”população” ramifica-se em diferentes modos, seja por interesses trabalhistas, econômicos, por ideologia política ou religiosa. Encontra pontos de intersecção e distanciamento, entra em embate, cede e retrocede em atitudes e pensamentos. A “população” não é um corpo amorfo, equalizado, inerte.¹¹³ Tem mentalidade dinâmica. Novos acontecimentos propiciam novos pensamentos e diferentes posicionamentos.

Os alemães comuns são vários, têm nomes e identidades próprias. Não estavam sedentos e unidos pela aniquilação judaica. Alguns, os ditos *bystanders*, se ausentaram de atitudes, seja a favor ou contra o assassinato em massa. Estes receberam atenção especial na literatura do holocausto pós-Goldhagen. Como afirma Kershaw, “*The road to Auschwitz was built by hate, but paved with indifference.*”¹¹⁴ Outros, como demonstra Agnes Grunwald-Spier¹¹⁵, agiram em prol das vítimas. Arriscaram a própria segurança a fim de salvaguardar a vida de outrem. Estes não são lembrados pela história, pois permaneceram, em grande maioria, anônimos. Logo, incontáveis.

¹¹³ A historiografia alemã expõe momentos de dissidências, como, por exemplo, a Revolução de 1918. Para detalhes, consulte REIS, Daniel Aarão. *A Revolução Alemã: Mitos e Versões*. São Paulo: Braziliense, 1984 e ARAÚJO, George. *Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923*. **História Social**, n.º. 17, 2009.

¹¹⁴ KERSHAW, 2008, p.193.

¹¹⁵ GRUNWALD-SPIER, Agnes. *Os outros Shindlers: As dramáticas histórias dos heróis que decidiram arriscar suas vidas para salvar os judeus do Holocausto*. São Paulo: Cultrix, 2010.

Os perpetradores, portanto, são pessoas comuns antes de serem alemães comuns. Um grande fator que chocou os acadêmicos foi a nomeação destas pessoas comuns nas fontes expostas por Goldhagen. Fontes como a que todos têm acesso, mas trabalhadas singularmente, de modo lembrar ao leitor que os perpetradores eram, mesmo com tamanhos adjetivos de barbárie, homens da mesma civilização que a sua.

Parte destes cidadãos ordinários alinhou-se às ideias do partido – seja pela ideologia, por interesses ou por medo. Alguns auxiliaram, mesmo que não sempre por questões humanitárias e morais. Muitos se mantiveram quietos, como espectadores, mesmo sabendo o que se passava. Estes últimos permeiam trabalhos os quais se referem ao holocausto. Ao se colocar em destaque exclusivamente os alemães como perpetradores do assassinato em massa, em uma sociedade que, por “consenso”, apoiou, legitimou e até mesmo agiu em tamanha barbárie, exime-se a culpa por omissão de demais governos, inclusive aqueles democráticos.

Goldhagen traz à lembrança algo banal. Lembra a todos que governos e seu aparato institucional-burocrático são compostos por seres humanos, capazes de juízo crítico. As escolhas, o processo de tomada de decisão individual, são motivadas por diferentes fatores, sejam eles materiais ou morais. No processo decisório, há o embate entre altruísmo ou egoísmo. O mesmo se deu entre as nações partícipes da Segunda Guerra Mundial. Em uma guerra onde a sobrevivência de sua própria nação entrava em questão, a Questão Judaica foi deixada, pela grande maioria, para um último momento. Este fato, todavia, é pouco ressaltado pela historiografia. Salientar que interesses materiais e políticos eram postos acima da vida de milhões de pessoas é destacar a falta de humanidade e de boa moral nos países envolvidos, em seus chefes de Estados e seus “cidadãos comuns”. É dar margem para aqueles que afirmam que a natureza humana é má e egoísta por natureza, assertiva há tempos pronunciada por Hobbes.

É mais cômodo focar-se no desvio de alemães, sejam eles de cúpula do partido ou não. Seja na história singular que encaminhou ao holocausto, ou na estrutura burocrática emergente exclusivamente no nazismo. Tal como o antissemitismo eliminacionista, são argumentos que enfocam singularidades de uma Alemanha, e deve-se destacar, não mais existente no século XXI. Apenas uma nação desviante da civilização ocidental, da moralidade objetiva universal, com uma trajetória histórica singular seria capaz de efetivar o holocausto, pois a responsabilidade apenas sobre ela recai.

Infelizmente, não são estes os fatores que impossibilitam a recorrência de outros genocídios, como a própria história pós Segunda Guerra demonstra¹¹⁶. Não há, aqui, a tentativa de subtrair a magnitude do holocausto nazista frente aos judeus. Mas sim, trazer à luz que o holocausto, por mais traumático que tenha sido – para indivíduos, grupos e nações – não é necessariamente um acontecimento iniciado e acabado por um grupo específico, com uma história especial, em um momento único, com sistema de governo singular. Todas as nações são potenciais perpetradores. Todos os cidadãos comuns também o são. Mesmo que por omissão de auxílio.

Resta o pensamento crítico, capaz de colocar a humanidade acima de interesses imediatos. Resta a não abstenção. Resta o pensamento ao próximo, por menos próximo que este possa estar. Isto só é possível a partir da análise racional das tomadas de decisão e participações em assassinatos em massa, tendo como vértice, indubitavelmente, o regime de Hitler na Alemanha dos anos 1930 e o holocausto de judeus, que foi por alemães incentivado e perpetrado, mas apenas possível pela colaboração passiva de inúmeros cidadãos em todo o globo. Por fim, deve-se ressaltar que uma efetiva análise só é possível com estudo. Entretanto, o paradigma iniciado por Daniel Jonah Goldhagen expõe a pouca amplitude que os estudos sobre o holocausto têm naqueles não acadêmicos.

“Os Carrascos Voluntários” foi redigido em um linguajar que atingiu o grande público, que foi capaz de transmitir certo sentido e convencer acerca do argumento central. Ao se observar as críticas ao livro em 2013, feitas por não acadêmicos, percebe-se a boa recepção do livro ainda nos dias de hoje. Com tantas críticas e novas publicações, ainda é Goldhagen que atinge os cidadãos “comuns”. A memória geral do holocausto – por aqueles que não o viveram - ainda é aquela atribuidora de culpa e julgamento moral. Ainda é aquela do reconforto que os novos dias não podem conter em si a maturação de tamanha desumanidade, se não um holocausto, algo tão atroz.

¹¹⁶ Exemplo é o genocídio em Ruanda em 1994, dos extremistas tutsis contra hutus.

Bibliografia

1. Livros

ARENDDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BANKIER, David. *The Germans and The Final Solution: Public Opinion under Nazism*. Nova Iorque: Blackwell, 1992.

BROWNING, Chr. *Ordinary Men. Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution*. Nova Iorque: Harper, 1998.

_____, Chr. *Nazi Policy, Jewish Workers, German Killers*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

ELIAS, N. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler: Consentimento e Coerção na Alemanha*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os Carrascos Voluntários de Hitler: O povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

GRUNWALD-SPIER, Agnes. *Os outros Shindlers: As dramáticas histórias dos heróis que decidiram arriscar suas vidas para salvar os judeus do Holocausto*. São Paulo: Cultrix, 2010.

HILBERG, Raul. *Perpetrators, Victims, Bystanders: The Jewry Catastrophe 1933-1945*. Nova Iorque: Harper Perennial, 1993.

JOHNSON, Eric A. *Nazi Terror: The Gestapo, Jews and Ordinary Germans*. Nova Iorque: Basic Books, 2000.

KERSHAW, Ian. *Hitler, The Germans, and the Final Solution*. Jerusalém,: International Institute for Holocaust Research Yad Vashem, 2008.

REIS, Daniel Aarão. *A Revolução Alemã: Mitos e Versões*. São Paulo: Braziliense, 1984.

STACKELBERG, R. *A Alemanha de Hitler: Origens , Interpretações, Legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

STONE, Dan. *The Holocaust and its Historiography*. Disponível em http://www.ereadinglib.com/bookreader.php/135878/the_historiography_of_holocaust.pdf Acesso em Abril-Junho de 2013.

WISTRICH, Robert S. *Hitler e o Holocausto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

2. Artigos/Publicações

ALY Götz e HEIM, Susanne. *The Economics of the Final Solutions: A case Study from the General Government*. **Simon Wiesenthal Center Annual 5**, Califórnia, 1988. Disponível em <http://motlc.wiesenthal.com/site/pp.asp?c=gvKVLcMVIuG&b=395113>. Acesso em Maio/Junho de 2013.

_____, Götz. *The Universe of Death and Torment*, 1996. Disponível em http://www.yadvashem.org/download/about_holocaust/studies/aly_full.pdf. Acesso em Abril-Julho de 2013.

ARAÚJO, George. *Uma revolução que não deve ser esquecida: Alemanha, 1918-1923*. **História Social**, nº17, 2009.

BARTOV, Omer. *Defining Enemies, Making Victims: Germans, Jews, and the Holocaust*. **The American Historical Review**, vol. 103, nº3, 1998.

BAUER, Yehuda. *Don't Condemn All Germans for the Holocaust; A Contradiction?* **New York Times, Op-ED**, Nova Iorque, Março 24, 1996.

_____, Yehuda. *On perpetrators of the Holocaust and Public Discourse: Hitler's Willing Executioners by Daniel J. Goldhagen*. **The Jewish Quarterly Review**, University of Pennsylvania Press New Series, Filadélfia, vol. 87, nº. 3/4 .Jan. - Abril, 1997.

BERMAN, R. A. *An Imagined Community: Germany According to Goldhagen*. **The German Quarterly**, Berlim/Nova Iorque, vol. 71, nº1, 1998.

BESSEL, Richard. *Functionalists vs. Intentionalists: The Debate Twenty Years on or whatever Happened to functionalism and Intentionalism?* **German Studies Review**, Berlim/Nova Iorque, vol. 26, nº1, 2003.

BIRN, Ruth Bettina. *Revising the Holocaust*. **The Historical Journal**, vol. 40, nº1, Março, 1997.

BRENNAN, Michel. *Some Sociological Contemplations on Daniel J. Goldhagen Hitler's Executioners*. **Theory, Culture & Society**, vol. 18, Agosto, 2001.

BROWNING, Chr. *Daniel Goldhagen's Willings Executioners*. In: *The Willing Executioners/ Ordinary Men Debate* .**The United States Holocaust Research Institute**, Nova Iorque, 8 Abr.1996.

COTKIN, George. *History's Moral Turn*. **Journal of the History of Ideas**, University of Pennsylvania Press, Filadélfia, vol. 69, n°2, Abril, 2008.

DUFFY, Gaven. *Why were so many Germans prepared to participate in the Holocaust?*, University of Ireland Galway, Agosto, 2012.

FRIEDLÄNDER, Saul. *From Anti-semitism to Extermination: An Historiographical Study of Nazi Policies Toward the Jews and an Essay in Interpretation*. **Yad Vashem**, Jerusalém. Disponível em http://www.yadvashem.org/untoldstories/documents/studies/Saul_Friedlander.pdf Acesso em Junho de 2013.

FINKELSTEIN, Norman G. *Daniel Jonah Goldhagen's 'Crazy' Thesis: A Critique of Hitler's Willing Executioners*. **New Left Review**, Londres, n°224, Julho, 1997.

FITZPATRICK, M.P. *The Pre-History of the Holocaust? The Sonderweg and Historikerstreit Debates and the Abject Colonial Past*. **Central European History**, University of Chicago Press, Chicago, vol. 41, n°3, 2008.

GELLATELY, Robert. *Hitler's Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust*.by Daniel Jonah Goldhagen. **The Journal of Modern History**, vol. 69, n°1 Março, 1997.

GREGOR, Neil. *Culture, Political Culture: Recent Work on the Third Reich and Its Aftermath*. **The Journal of Modern History**, University of Chicago Press, Chicago, vol. 78, n°3, 2006.

HERBERT, Ulrich. *Academic and Public Discourses on the Holocaust: The Goldhagen Debate In Germany*. **German Politics and Society**, 1999.

HERF, Jeffrey. *Reactionary Modernism: Some Ideological Origins of the Primacy of Politics in the Third Reich*. **Theory and Society**, Vol. 10, n°6, 1988.

HILBERG, Raul. *The Goldhagen Phenomenon. Critical Inquiry*. **The University of Chicago Press**, Chicago, vol. 23, n° 4, 1997. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1344046>. Acesso em Abril de 2013.

JAHODA, Gustav. *"Ordinary Germans" before Hitler: A Critique of the Goldhagen Thesis Hitler's Willing Executioners: Ordinary Germans and the Holocaust .by Daniel Jonah Goldhagen..* **The Journal of Interdisciplinary History**. Nova Iorque, vol. 29, n°1, 1998.

KAMBER, Richard. *The Logic of the Goldhagen Debate*. **Res Publica**, vol 6, 2000. Disponível em <http://www.upf.edu/materials/fhuma/hcu/docs/t5/art/art146.pdf> Acesso em Maio-Julho de 2013.

KERSHAW, Ian. *Hitler and the Uniqueness of Nazism: Understanding Nazi Germany*. **Journal of Contemporary History**, University of Chicago Press, Chicago, vol. 39, n°2, 2004.

KOCKA, Jürgen. *German History before Hitler: The Debate about the German Sonderweg*. **Journal of Contemporary History**, Cambridge University Press, Cambridge, vol. 23, n° 1, 1988.

MEWS, Siegfried. *Review: The "Goldhagen Effect." History, Memory, Nazism: Facing the German Past by Geoff Eley*. **The German Quarterly**, Berlim/Nova Iorque, vol. 75, n°1, 2002.

MOSES, A.D. *Structure and Agency in the Holocaust: Daniel J. Goldhagen and His Critics*. **History and Theory**, Wesleyan University, Nova Iorque, vol. 37, n°2, 1998.

NORTH, David. *Anti-Semitism, Fascism and the Holocaust: A critical Review of Daniel Goldhagen's Hitler's Willing Executioners*. **World Socialist Web Site**, 17 Abr. 1997.

RIEGER, Bernard. "Daniel in the Lion's Den?" *The German Debate about Goldhagen's Hitler's Willing Executioners*. **History Workshop Journal**, n°4, 1997.

ROSENFELD, Graviel D. *The controversy that isn't: The debate over Daniel Goldhagen's "Hitler's Willing Executioners" in comparative Perspective*. **Contemporary European History**, Cambridge University Press, Londres, vol.8 , n°2,1999.

RÜRUP, Reinhard. *Problems of the German Revolution 1918-19*. **Journal of Contemporary History**, Cambridge University Press, Cambridge ,vol. 3, n° 4, 1968.

WACHSMANN, Nikolaus. *Review Article: After Goldhagen. Recent Work on the genesis of the Nazi Genocide*. **Journal of contemporary History**, vol. 34, n° 3, 1999.

WELCH, Steven R. *A survey of interpretative paradigms in Holocaust Studies and a Comment on the Dimensions of the Holocaust*. **Yale center for international and Area Studies Working**. University of Melbourne, Nova Iorque, 2001.

WESTERMANN, Edward B. "Ordinary Men" or "Ideological Soldiers"? *Police Battalion 310 in Russia, 1942*. **German Studies Review**, Berlim/Nova Iorque, vol. 21, n° 1,1998.

WIESELTIER, Leon. *Final Comments*. In: *The Willing Executioners/ Ordinary Men Debate*, **The United States Holocaust Research Institute**, Nova Iorque, Abril, 8, 1996.

WILKINSON, Molly. *Ordinary Man and the Final Solution: The Work of Christopher Browning*. **The Wittenberg History Journal**. Wittenberg, vol.24, 1995. Disponível em <http://www4.wittenberg.edu/academics/hist/historyjournals/1995.pdf> Acesso em Maio-Julho de 2013.

ZANGWILL, Nick. *Perpetrator Motivation: Some Reflections on the Browning / Goldhagen Debate*. **Moral Philosophy and the Holocaust**. (ed.) GARRARD, Eve Garrard e SCARRE, Geoffrey. Ashgate: 2003.

ZIMMERMANN, Tânia Regina. *Resenha de GOLDHAGEN, Daniel. Os Carrascos Voluntários de Hitler: O povo alemão e o Holocausto*. (Trad): ROIZMAN Luis Sergio. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

3. Fontes Jornalísticas/Virtuais

CARVAJAL, Doreen. *Forum on Holocaust Canceled After an Author Withdraws*. **The New York Times**, Nova Iorque, 07 Mai. 1997. Disponível em <http://www.nytimes.com/1996/05/07/nyregion/forum-on-holocaust-canceled-after-an-author-withdraws.html> Acesso em Maio-Julho de 2013.

Correspondence: The German Ideology. **The New Republic**, Nova York, Fevereiro, 1997.

ERSPAMER, Peter. *Goldhagen's "Hitler's willing executioners"*. **H-Net History of the Holocaust List**, Abril, 1996. Disponível em <http://www.h-net.org/~german/discuss/goldhagen/gold1.html> Acesso em Maio-Julho de 2013.

GOLDHAGEN, Daniel.J. *The peoples Holocaust!* **New York Times, Op-ED** , 17 Mar. 1996, p.E15.

Goldhagen's "Hitler's Willing Executioners". In **H-High-S, H-Net Reviews**. German History, Abril, 1996.

Society. vol. 34, 1997.

Symposium on Goldhagen's Hitler's Willing Executioners. Disponível em <http://www.h-net.org/~german/discuss/goldhagen/gold5.html>. Acesso em Abril-Maio de 2013.

The Willing Executioners/Ordinary Men Debate. **The United States Holocaust Research Institute**, Nova Iorque, 8 Abr. 1996.

Declaração de autenticidade

Eu, Jaqueline Rivas Paredes, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “*Os Carrascos*”: *A renovação historiográfica do holocausto a partir do paradigma Goldhagen*, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e /ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico , nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Jaqueline Rivas Paredes

Brasília, 19 de Julho de 2013.